

MARCOS BARBOSA
LIANA FERRAZ
LUAN CARVALHO



MARCOS BARBOSA

LIANA FERRAZ

LUAN CARVALHO

Até debaixo d'água

O uso consciente da água e a
prática do teatro nas escolas

São Paulo
2016





Projeto Até Debaixo D'Água

Proponente: Marcos Barbosa

Coordenação geral: Liana Ferraz

Assistência de coordenação: Luan Carvalho

Especialista em Gestão Ambiental: Thaiz Napoli

Facilitadores/Encenadores: Abel Xavier e Vitória Cohn

Alunos autores: Amanda Quintero Las Casas, Aurea Guaraná, Emilie Becker, Fernando Robledo, Isabella Fazzani, João Pedro Luz, Marie Rollo Mansur, Pedro Amaral, Raíra Rosenkjar e Thiago Richter.

Alunos atores: Amanda Quintero Las Casas, Ana Trucharte, Augusto Costa, Aurea Guaraná, Caio Menck, Caleb Morales, Camila Carneiro Martins, Carolina Ranaldi, Gabriel Franco Rodrigues, Julio Caio, Luisa Marina Schauffert, Manuela Yamin, Paula Salvia Gomes, Paulo Frater, Pedro Amaral, Pedro Daher Simão, Rafael Costa, Raíra Rosenkjar, Rayssa Zago, Renata Kawakami, Roberta Carvalho, Tainá Mello, Thais Castro e Vera Vidigal Bucci.

Produção executiva: Márcia Cavallini

Projeto gráfico e diagramação: Talitha Mattar

Ilustração de capa: Wallace Fiel

Alunas ilustradoras: Bruna Alimonda, Isabela Leal, Isadora Madsen, Maju Pintyá

Escolas parceiras: Casa do Teatro, Colégio Ítaca, EE Prof. João Cruz Costa e EMEF Prof. Maria Antonieta D'Alckmin Bastos

ISBN: 978-85-63969-08-8

Realização



Apoio



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE





SUMÁRIO

A ASSEMBLEIA DAS GOTAS UNIDAS	7
O CASO DA SANTA QUEDA D'ÁGUA	24
A DAMA	37
JOGOS CRUZADOS, PALAVRAS PESCADAS	49
DIZ A LENDA	66
O MENINO RIO	77
GLUBSSÁRIO	92



Ilustração de Isadora Madsen

Aprender fazendo é uma marca no ensino das artes, aprender através do encontro, mais ainda. Sempre tivemos isso em vista enquanto concebíamos e desenvolvíamos o projeto “Até debaixo d’água: o uso consciente da água e a prática do teatro nas escolas”, que tem neste livro eletrônico apenas um de seus produtos finais.

Para colocar todos os outros resultados do projeto no mapa, teríamos, ainda, que listar a formação (científica e artística) de cada um dos muitos aprendizes de dramaturgia que conceberam, em uma oficina de criação literária orientada, os textos teatrais que compõem este volume. Teríamos que lembrar da formação de dezenas de atores aprendizes, que se mobilizaram para concretizar encenações piloto dessas peças. Teríamos que apontar o impacto que essas encenações causaram em centenas de crianças e de adolescentes em idade escolar, que assistiram às diversas funções dos espetáculos em suas escolas. Teríamos, por fim, que lembrar que os facilitadores e coordenadores do projeto, em sua meta de promover a produção de saberes, também foram aprendizes em meio a todos esses encontros.

Este livro serve como memória do trabalho que a Escola Superior de Artes Célia Helena - ESCH desenvolveu, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes e a Agência Nacional

de Águas - ANA, em um ano de projeto “Até debaixo d’água”, mas serve ainda mais como uma centelha para a multiplicação dos saberes que nos propusemos a investigar. Tornamos público, aqui, não apenas um raro conjunto de peças de teatro escritas por jovens e para jovens, com vista a encenações que acessem o tema do uso consciente da água, mas também - e principalmente - um convite para que, em ambiente escolar, uma questão tão urgente seja tratada por uma das vias mais eloquentes da comunicação e da mediação dos saberes: a prática artística.

Junto com as peças, tivemos o cuidado de incluir neste livro eletrônico subsídios para que, nas escolas, promova-se uma formação teatral mais completa em termos de conceitos e de práticas. É assim que integram este material um vocabulário de termos teatrais (produzido em linguagem lúdica e cativante) e uma lista de jogos e dinâmicas que podem auxiliar não só a encenação das peças que apresentamos, mas também toda e qualquer atividade artística associada à prática do teatro nas escolas. A fim de mediar saberes artísticos e científicos, cuidamos ainda de apresentar informações que conectam os enredos das peças publicadas com temas relacionados às ciências naturais.

Estamos muito felizes com a estrada que trilhamos até aqui, mas estamos ainda mais felizes de imaginar que a estrada só começa, pois ela será ampliada e renovada no encontro de cada grupo que ler, debater, ensaiar ou encenar qualquer uma de nossas peças. Afinal, este livro é, antes de mais nada, um convite ao jogo, à brincadeira e ao aprendizado. E é marca da prática das artes que jogo, brincadeira e aprendizado são, sobretudo, coisa muito, muito séria.

Os organizadores

A ASSEMBLEIA DAS GOTAS UNIDAS

Emilie Becker



Ilustração de Maju Pintyá

Resumo

Em uma sala de assembleia, gotas d'água organizadas se reúnem para discutir missões importantes para o futuro do planeta - e delas mesmas.

Cenário

A sala da Assembleia das Gotas.

Personagens

Presidente Gota

Gotapitã Maremoto

Recruta Gota

Gota X

Gota Y

Gota Z

Gota 1

Gota 2

Gota 3

Outras gotas



Todas as gotas d'água entram solenemente na sala da assembleia e cada uma se posiciona em seu lugar para a execução do hino. Enquanto cantam, Recruta Gota cai no sono.

HINO DAS GOTAS -
Dos mares, rios e lagos
Viemos aqui estar
Na Assembleia das Gotas
Águas limpas vamos salvar

Juntas, sempre amigas,
As diferenças nos fortalecem
Quando estamos unidas
Uma gota ninguém polui!

Água, água fonte da vida
De todas as vidas do mundo
O planeta é o lar da água
Cuidar dela é nosso dever!

PRESIDENTE GOTA (*aplaudindo*) - Bravo! Bravo!

Presidente Gota dirige-se à plateia, tendo atrás de si as demais gotas.

PRESIDENTE GOTA - É uma honra estar aqui com vocês, gotas unidas, nesta assembleia. Vocês sempre tocam meu coração...

RECRUTA GOTA (*acordando subitamente*) - Tocar meu coração?! O quê? Não! Ninguém toca na minha molécula!

As outras gotas caem na gargalhada. Presidente Gota repreende Recruta Gota, que fica envergonhado. Presidente Gota volta a discursar muito seriamente para a plateia, mas, atrás dele, o Recruta Gota o imita de modo exagerado, enquanto as demais gotas tentam prender o riso.

PRESIDENTE GOTA - Estamos juntos porque compartilhamos de uma só missão, um só ideal. Há bilhões de anos nossos antepassados têm lidado com as mais hostis condições climáticas e presenciado o desenvolvimento de diversos seres terrestres. Hoje, a luta que travamos é mais delicada, porque encaramos a nossa desvalorização, algo que nunca pudemos prever, que dirá nos preparar para enfrentar.



Presidente Gota percebe a gozação do Recruta Gota e o repreende. O Presidente então volta a discursar, de maneira firme e segura.

PRESIDENTE GOTA – Eu sei que, pela primeira vez em nossa existência, não estamos preparados para combater os obstáculos que se aproximam. Isso é certamente muito assustador, mas quero que saibam que, enquanto eu presidir esta assembleia, vou garantir que cada gota aqui presente lute para que possamos convencer os humanos da nossa importância.

Em meio ao silêncio emocionado do Presidente Gota, o Recruta Gota faz uma gracinha. O Presidente Gota é o único que não percebe e as demais gotas caem na gargalhada e aplaudem.

GOTAS – Bravo! Bravo! Viva!

Presidente Gota fica muito empolgado, acreditando que as palmas são para ele, mas muda de expressão quando percebe que se tratam de aplausos para o Recruta Gota.

GOTAS – É isso aí, Recruta! Um viva ao Recruta Gota

PRESIDENTE GOTA – Recruta Gota?! Eu sou o presidente desta assembleia! Ah, minha Maré, devia ter escolhido ser dentista!

RECRUTA GOTA – E onde já se viu gota d’água cuidar de dente?

PRESIDENTE GOTA – Bem que mamãe me avisou, quando eu disse: “Ah mamãezinha, quero ser Presidente!”

RECRUTA GOTA – E ela? O que falou?

PRESIDENTE GOTA (*imitando a bronca com a voz da mãe*) – “Júnior, acorda que já tá tarde!”

Todos riem, menos Gotapitã Maremoto, que está muito séria. Presidente Gota percebe o olhar de reprovação de Gotapitã Maremoto e se recompõe rapidamente, voltando a falar muito sério.

PRESIDENTE GOTA – É, está na hora de compartilhar memórias! Quem aqui já evaporou levante a mão!

GOTAS (*falando todas ao mesmo tempo*) – Eu! Eu já, eu já! Não, me escolha! Não, eu! Eu! Eu!

GOTA X (*grita mais alto que todas as outras, chamando a atenção do Presidente Gota*) – Eu já evaporei!

PRESIDENTE GOTA (*chamando Gota X ao palco*) – Muito bem, venha cá!

GOTA Y – É mentira! Ela não evaporou coisa nenhuma!

GOTAS – Oh!

GOTA X (*falando, com irritação, para a Gota Y*) – Não vou te convidar para o meu aniversário!



GOTA Y - Eu não queria mesmo!

PRESIDENTE GOTA - Gotas, acalmem-se! Acalmem-se! (*indicando a Gota 1*)
Você aí!

GOTA 1 - Eu?!

PRESIDENTE GOTA - Sim, você! Já evaporou?

GOTA 1 - Já, sim, senhor.

PRESIDENTE GOTA - Alguém nesta assembleia tem alguma coisa contra a alegação desta gota?

Silêncio.

PRESIDENTE GOTA - Muito bem, então. Eu a declaro “Gota Evaporada”! Venha aqui! Venha, venha, não tenha medo!

Presidente Gota entrega a Gota 1 um buquê de flores e a parabeniza.

PRESIDENTE GOTA - Passo a palavra para nossa ilustre gota!

GOTA 1 - Nossa! Nunca imaginei que um dia estaria aqui, falando a toda a assembleia... Antes de tudo, quero agradecer do fundo da minha molécula aos meus companheiros. Sem vocês eu nunca teria voltado para cá...

GOTA Z - Ah, corta essa! Começa logo!

GOTA 1 - Muito bem, era um dia ensolarado e eu estava pegando carona numa corrente marítima, quando do nada senti uma coisa estranha em todo o corpo. Começou devagarinho nas pontas dos dedos...

GOTA X - Gota tem dedo?

GOTAS - Psiu!

GOTA 1 - De repente, comecei a sentir aquilo até por dentro. Não sei se consigo explicar muito bem... Mas, sabe quando sua mãe lhe conta como é passar para o estado gasoso e ela fala que parece que as suas moléculas vão ficando cada vez mais distantes umas das outras? E que você está tão mais volumoso que pode ocupar espaços muito maiores? Maiores do que você jamais imaginou?

GOTAS - Sim, sim!

GOTA 1 - Então, foi assim. Gotas, eu juro, se no estado líquido eu ocupava dois dedinhos de um copo de água, no estado gasoso eu ocupei um volume maior que o do copo inteiro, de tanto que me expandi! Prestei tanta atenção nessa sensação, que nem percebi que havia saído do mar! O calor era tanto que evaporei! Subi tão alto, mas tão alto, que lá de cima dava para ver todos os tipos de coisa! Vocês já viram como o mar é enorme? Nossa, lá de cima parece que a Terra tem tudo, menos terra! Nunca vi tanta água na minha vida!

GOTAS - E o que mais? O que mais?



GOTA 1 - Muitas árvores, muitos animais. Não sabia que o mundo podia ser tão, mas tão, mas tão bonito!

GOTA Y - Nossa, como eu quero evaporar!

GOTA X - É, acho que mês que vem eu vou evaporar também!

GOTA Y - Iludida!

GOTA X - Olhe lá, hein!

GOTA Y - Que é? Não vai me convidar de novo para o seu aniversário?

GOTA 1 - Parecia que estava sonhando... E aí, de repente, ganhei velocidade e, de milhares de metros de altitude, desci em queda livre até o mar. Foi como pular de paraquedas!

As gotas ficam exultantes. Aplaudem e gritam "Eu te amo!", "Bravo!", "Viva!". O Presidente Gota intervém.

PRESIDENTE GOTA - Muito bem, muito bem. Silêncio! Alguma pergunta?

Todas as Gotas levantam a mão. Presidente Gota indica a Gota Z.

PRESIDENTE GOTA - Você!

GOTA Z - Minha avó um dia me disse que quando você vai muito lá para cima e as nuvens estão numa temperatura abaixo de zero grau, você chega até a congelar de tão frio que fica e aí precipita como pedrinha de gelo ou melhor, chove como granizo, né?

GOTA 1 - Olha, o que eu sei é que a água em estado líquido evapora quando está muito quente e vira vapor. Virando vapor, sobe até as nuvens. Já ouvi muitas histórias de gotas que chegaram a chover como granizo. Que, como a sua avó falou, subiram tanto e lá estava tão frio, que nas nuvens viraram gelo. Mas nunca conversei com nenhuma delas pessoalmente...

PRESIDENTE GOTA - Alguma outra pergunta?

O Recruta Gota, que havia voltado a dormir, acorda assombrado de um pesadelo e se ajoelha aos pés de Gotapitã Maremoto, que não se abala.

RECRUTA GOTA - Não! Não! Poluição não! Poluição não! Me salva!

GOTAPITÃ MAREMOTO. Recruta Gota, levante-se!

RECRUTA GOTA - Mil desculpas, Gotapitã! Sabe o que é? É que meus irmãos ficam me assustando com esses personagens de filmes de terror e agora eu não consigo parar de ter pesadelos com a poluição...

GOTAPITÃ MAREMOTO - Recruta?

RECRUTA GOTA - Sim, Gotapitã!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Por acaso eu lhe perguntei alguma coisa?

RECRUTA GOTA - Desculpe-me, Gotapitã, mas o que isso tem a ver?



GOTAPITÃ MAREMOTO - Só se dirija a mim quando eu perguntar alguma coisa.

RECRUTA GOTA - Sim, Gotapitã.

PRESIDENTE GOTA - Vamos jogar o buquê?

GOTAS - Sim!

As gotas se aglomeram em torno da Gota 1, que se prepara para jogar o buquê de flores.

PRESIDENTE GOTA - Lembrem-se: quem pegar o buquê será a próxima gota a evaporar!

Toca um telefone e Gota 2 atende.

GOTA 2 - Alô? Sim. O quê? Fugiu da assembleia? Como assim? Gotapitã Maremoto? Claro.

Gota 2 passa o telefone a Gotapitã Maremoto.

GOTAPITÃ MAREMOTO - Aqui é a Gotapitã Maremoto - Sim, pois não. Desaparecimento? E quem autorizou essa saída? É estritamente proibida a ultrapassagem dos limites da assembleia! Do meu Quartel General?! Impossível! A última equipe que enviei voltou na semana passada! Como assim, não foi uma equipe? Uma gota solitária! Impossível! No meu QG nós não... Bem, obrigada. Vou resolver essa situação.

Gotapitã Maremoto cochicha algo no ouvido do Presidente Gota, que se assusta. Nessa hora, Gota 1 joga o buquê e é Gota Y quem consegue pegá-lo.

GOTA Y - Peguei! Peguei!

GOTA X - Minha amiga, vamos evaporar juntas?

GOTA Y - Eu, hein! Evapora você, com o seu aniversário!

Enquanto Presidente Gota tenta organizar a assembleia, Gotapitã Maremoto junta-se com Recruta Gota, Gota 1, Gota 2 e Gota 3 para formar um pelotão de busca.

Enquanto Gotapitã Maremoto reflete sobre o ocorrido, as outras gotas do pelotão discutem, falando ao mesmo tempo.

No meio disso tudo, Recruta Gota vai ficando cada vez mais nervoso.

GOTA 2 - Gotapitã, como isso foi possível?

GOTA 1 - Era ao menos membro do QG?

GOTA 3 - Espero que isso não tire a credibilidade de nossas missões.

GOTA 1 - Ninguém liga para a "credibilidade das missões". O caso é muito mais sério!

GOTA 3 - A credibilidade é importante, sim! Nós protegemos a assembleia, se perdermos a credibilidade, as gotas não vão se sentir seguras!



GOTA 2 – Gotapitã, quantas gotas desapareceram? Em que condições partiram? Precisamos saber, Gotapitã!

GOTA 1 – Sim, Gotapitã!

GOTA 3 – É! Precisamos saber!

GOTAPITÃ MAREMOTO – Acalmem-se todos! Não façamos tempestade em copo d’água! Recruta, preciso dos seus serviços.

Recruta Gota bate continência.

RECRUTA GOTA – Sim, sim, Gotapitã Maremoto!

GOTAPITÃ MAREMOTO – É assim que eu gosto, Recruta, muito bem. Descubra onde está essa gota desaparecida!

RECRUTA GOTA – Sim, sim, Gotapitã! (*vai saindo, mas parece lembrar-se de alguma coisa e volta*). Gotapitã! Gotapitã! Como eu descubro onde ela está, Gotapitã?

GOTAPITÃ MAREMOTO – Ora, Recruta! Honre seu treinamento! Você faz parte do Quartel General de Procura das Gotas Sumidas da Assembleia das Gotas Unidas! Aja como tal!

RECRUTA GOTA – Sim, sim! (*vai saindo, mas parece lembrar-se de alguma coisa e volta*). Gotapitã, Gotapitã! E se eu não achar nada nos registros?

GOTAPITÃ MAREMOTO – Então você interroga aqueles que prepararam a saída das missões! Isso é protocolo, recruta, o básico!

RECRUTA GOTA – Sim, sim... (*vai saindo, mas parece lembrar-se de alguma coisa e volta*). Mas, Gotapitã, já percebeu que “gotas sumidas” rima com “gotas unidas”?

TODOS – Vai logo!

RECRUTA GOTA – Sim, sim! Já vou!

Sai Recruta Gota.

GOTA 3 – Gotapitã, alguma coisa está muito errada. As gotas da assembleia não são de evaporar sem aviso.

GOTA 2 – Sim, algo está mesmo muito errado!

GOTA 1 – Certamente! Com toda a certeza!

GOTA 3 – Gotapitã, tem certeza de que ela não partiu em alguma missão?

GOTAPITÃ MAREMOTO – Tenho certeza. Pelo menos em nenhuma missão autorizada por mim. Mas, calma. Se a tal gota realmente estiver desaparecida, precisará de toda a nossa calma para pensarmos logicamente e encontrá-la o mais rápido possível. Precisamos nos manter calmos como água de poço, para que nada vá por água abaixo. Pelo bem da gota!

As gotas se reúnem e cantam, juntas.



CANÇÃO DA GOTA QUE FALTA

GOTA 1, GOTA 2 e GOTA 3 -

Uma gota, uma gota, águas limpas tentou procurar
 Mas o caso é que nenhuma para a assembleia chegou a voltar
 E agora, o que faremos para trazê-la de volta pra cá?
 Se aquele tal Recruta nem ao menos sabe procurar!

GOTAPITÃ MAREMOTO -

Ora gotas, gotas, gotas!
 Já lhes disse que vou encontrar
 Essa gota, pobre gota
 Que se perdeu para os lados de lá!
 Eu sou a Gotapitã e poder eu tenho para falar
 Que vou trazê-la de volta
 Nem que eu vasculhe os cantinhos do mar.

*Entra Recruta Gota, esbaforido,
 trazendo consigo um pianinho.*

RECRUTA GOTA - Gotapitã, Gotapitã! Achei!

GOTAPITÃ MAREMOTO - A gota?

RECRUTA GOTA - Meu pianinho!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Que pianinho, Recruta?

RECRUTA GOTA - Pianinho! PI-A-NI-NHO! Pianinho! Instrumento musical baseado na criação do grande Hans Von Pianão! Músico da Pianolândia, um condado que fica, pelas manhãs, sob a clave de Sol e que divide seu tempo em...

GOTAPITÃ MAREMOTO - Eu sei o que é um Pianinho, Recruta! O que eu quero dizer é: O que o Pianinho está fazendo aqui? Espere! Não, nem quero saber! Só me diga logo o que você descobriu sobre o desaparecimento da gota!

RECRUTA GOTA - Gota. GO-TA - Gota! 1. Indivíduo do coletivo água. 2. Gota de chuva, do mar, de suor, de sangue, de xixi! 3. Gota eu, gota tu, gota eles. 4. Gotas nós, gotas vós, gotas eles.

GOTAS - Gotas? Gotas! Desapareceu! Precisamos encontrá-la! Vamos, Vamos! Precisamos achar a gota! Ela deve estar perdida lá fora! Com frio, com sono, com fome! Já deve ter acabado todo o seu chocolate! Ai, minha Maré! Gotapitã, precisamos encontrá-la!



GOTAPITÃ MAREMOTO - Já sabemos, Recruta, já sabemos.

RECRUTA GOTA - Então o que estavam fazendo aí, hein? Cantando! Vocês deveriam se envergonhar! Se eu fosse vocês, me envergonharia tanto que, de tão vermelho de vergonha, viraria uma gota de sangue! Vocês aí, cantando, e eu aqui, com uma pista da gota desaparecida!

TODOS - O quê?!

RECRUTA GOTA - Ah, nem venham mudar de assunto!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Recruta, mostre já a pista! Onde você encontrou essas informações?

RECRUTA GOTA - Gotapitã, eu sou lá água mineral para revelar a fonte?

GOTAPITÃ MAREMOTO - Recruta, já chega! Foi a gota d'água!

RECRUTA GOTA - Oh, eu sabia! (*apontando para as outras gotas*) Qual delas?

GOTAPITÃ MAREMOTO - Recruta!

RECRUTA GOTA - Já sei, Gotapitã Maremoto, já sei!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Então saiba logo de uma vez!

Gota 1, Gota 2, Gota 3 e Recruta Gota olham para Gotapitã Maremoto, sem entender muito bem o que ela quis dizer.

GOTAPITÃ MAREMOTO - Ah, quer saber? A verdade é que não se fazem mais gotas como antigamente!

RECRUTA GOTA - Gotapitã, na sua época não se fazia gota com Hidrogênio e Oxigênio?! Água não foi sempre H₂O?

Gotapitã Maremoto conta, em silêncio, tentado se acalmar.

GOTAPITÃ MAREMOTO - Recruta, mostre de uma vez essa pista!

Recruta Gota entrega a Gotapitã Maremoto as pistas que encontrou.

RECRUTA GOTA - Gotapitã, não acho que será muito fácil decifrar estas pistas. Estão escritas em uma língua muito estranha.

Gotapitã Maremoto pega a pista, nota que está de cabeça para baixo, inverte-a e devolve-a ao Recruta Gota.

GOTAPITÃ MAREMOTO - Melhor, agora?

RECRUTA GOTA - Mas, já decifrou?

GOTAPITÃ MAREMOTO - Recruta das águas doces! Estava apenas de ponta cabeça!

RECRUTA GOTA - Impossível!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Mais do que possível, fato! Vamos logo ao que interessa, já perdemos tempo demais com bobagens. A pista diz: "Estando



desaparecida, talvez seja fácil me achar. Dez passos rumo à assembleia, e na festa eu devo estar”. Me parece muito simples. Só não entendi parte da festa, o que significa?

Recruta Gota levanta a mão para falar. Gotapitã Maremoto o ignora e faz um sinal para que ele permaneça quieto.

GOTAPITÃ MAREMOTO – Vamos lá, gotas, em busca da gota perdida! Em fila! QG de Procura ao serviço!

Todos formam uma fila, com a Gotapitã Maremoto à frente e o Recruta Gota no fim. Eles dão dez passos, contando em voz alta conforme avançam.

GOTAPITÃ MAREMOTO – Um!

TODOS (*repetem*) – Um!

GOTAPITÃ MAREMOTO – Dois!

TODOS (*repetem*) – Dois!

GOTAPITÃ MAREMOTO – Três...!

TODOS (*repetem*) – Três!

Gotapitã Maremoto dispara na frente, impaciente.

GOTAPITÃ MAREMOTO – Quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez!

As demais gotas dão um grande pulo para chegar aonde está a Gotapitã Maremoto.

TODOS – Dez!

As gotas se deparam com a Gota Y, que está lendo um livro, com um buquê ao seu lado.

GOTAPITÃ MAREMOTO – Olá, gota! Você não saberia algo sobre uma gota que desapareceu da assembleia, saberia?

GOTA Y – Uma gota está em perigo?

GOTAPITÃ MAREMOTO – Uma gota está sumida, é tudo o que sabemos.

GOTA Y – Têm certeza de que a gota sumiu da assembleia?

GOTAPITÃ MAREMOTO – Absoluta! A gota até deixou uma pista.

Gotapitã Maremoto mostra a pista a GOTA Y, Ela olha para o papel, surpresa e envergonhada.

GOTA Y – Nossa, Gotapitã! Queira me desculpar! Este papel aí, esta pista, fui eu que escrevi!

GOTAPITÃ MAREMOTO – Como assim, gota? Explique-se agora!

GOTA Y – Foi assim: resolvi pregar uma peça numa amiga, que sempre dizia que não ia me convidar para o aniversário dela, só porque se achava muito



melhor, dizendo que ia evaporar antes de mim... Mas aí eu peguei o buquê da evaporação! O que só pode significar que quem vai evaporar primeiro sou eu!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Deixa-me ver se entendi direito. Você se declarou desaparecida só para pregar uma peça em sua amiga e acabou deixando em polvorosa toda a Assembleia das Gotas? Foi tudo uma brincadeira?

GOTA Y - Você não imagina como ela estava me irritando!

GOTAPITÃ MAREMOTO - Não pensa nas consequências?

GOTA Y - Ah, logo mais eu vou evaporar para bem longe daqui, mesmo!

Os demais se entreolham indignados com a petulância da Gota Y.

RECRUTA GOTA - Depois reclamam do Recruta...

GOTAPITÃ MAREMOTO - Ora, Recruta!

Gotapitã não consegue controlar o riso. Gota 1, Gota 2 e Gota 3 também riem, mas quando Gota Y esboça um sorriso, Gotapitã Maremoto a repreende:

GOTAPITÃ MAREMOTO - Você, não! (*arranca o buquê da mão da Gota Y e vai saindo*). Eu disse ao presidente que essa história de buquê da evaporação não era uma boa ideia! Eu disse! (*para e volta-se para Gota Y*) Ah, e você trate de pedir desculpas a sua amiga! (*vai saindo, mas para e volta-se para as outras gotas*) Ah, quanto a vocês, amanhã trabalharão dobrado para compensar o dia de hoje! (*vai saindo, mas para e volta-se para Recruta Gota*) Quanto a você, Recruta, está promovido!

Gotapitã Maremoto sai. Todas as gotas se reúnem para dançar e cantar.

CANÇÃO DO CICLO DA ÁGUA

Todas as gotas

Que são de água

Pelo ciclo hão de passar

E nos três

Estados físicos

Vão, vão, vão, vão, vão se transformar.

É o ciclo

Que faz com que existam

Geleiras, lençóis e o mar!



Sem o ciclo não haveria
Chuvas ou rios pra nadar!

Sólido

A menos zero é o que há!

Líquido

Para beber é o que dá!

Gasoso

Difícil de enxergar!

Mas cuidado que a poluição

O ciclo afetar!

A peça se encerra com a repetição do Hino das Gotas:

HINO DAS GOTAS

Dos mares, rios e lagos

Vimos aqui estar

Na Assembleia das Gotas

Águas limpas vamos salvar

Juntas, sempre amigas

As diferenças nos fortalecem

Quando estamos unidas

Uma gota ninguém polui!

Água, água fonte da vida

De todas as vidas do mundo

O planeta é o lar da água

Cuidar dela é nosso dever!

FIM

NO TEATRO, A GENTE DIZ...

FIGURINO

- Figurino é o namorado da figurinha?
- Não! Figurino é o jeito que a gente escolhe se vestir quando vai para a cena.
- Ah, mas então eu vou sempre me vestir com minha roupa favorita!
- Calma. Também assim não vale. O figurino é uma roupa escolhida para vestir o ator e ajudar a contar a história que está sendo encenada por TODOS - Se a história for no espaço sideral, talvez não seja bacana usar roupa de nadar. Mas aqui eu preciso contar outro segredo.
- Conta logo, vai!
- No teatro, as coisas podem ser outras. Quem sabe até a roupa de natação fique bacana no espaço sideral... Por isso, a escolha do figurino deve ser feita com pesquisa, muita imaginação e muita conversa entre todas as pessoas envolvidas na montagem da peça.
- Figurino, então, é a roupa que o ator veste para fazer parte de uma peça!
- Isso aí!

NO TEATRO, A GENTE DIZ...

PERSONAGEM

- E esse tal de “personagem”, quem é?

- Ai, que conversa complicada essa vai ser! Olha só: personagem é quem a gente fica sendo quando finge ser quem não é! O ator pode se fingir de rei, de princesa, de gota d’água ou até de pedra. Mas ninguém vira rei nem princesa nem gota nem pedra de verdade só por fingir no teatro, certo? Então fazer um personagem é como brincar de fingir, é brincadeira de ser e é também ser, mas sem esquecer que é brincadeira!

- Ué, essa foi até fácil!

- Ufa!

- Posso perguntar outra coisa?

- Claro!

- O certo é dizer “o personagem” ou “a personagem”?

- Tanto faz! Dá no mesmo.

- Ah, então ficou mais fácil ainda!



TÁ DE BRINCADEIRA!

Agora que já sabemos o que é Figurino e Personagem está na hora de usarmos a criatividade!

É muito importante, antes de começar, se planejar para evitar desperdício de materiais. Como é isso?

O jeito mais legal de se planejar é desenhando. Isso mesmo! Você pode desenhar o seu figurino no papel, colorir e definir quais materiais você vai precisar, assim como a quantidade a ser usada.

Depois, você pode apresentar sua ideia aos seus colegas e, juntos, vocês podem conversar sobre o que ficou bom e o que pode ser mudado.

Mãos à massa! Vale tudo, o importante é ter criatividade!

Lembre-se sempre de usar materiais recicláveis, por exemplo, com papelão e garrafas pets é possível fazer uma infinidade de coisas como coroas, chapéus e tudo o mais.

Importante também contar com a ajuda de um adulto quando for cortar ou furar algo. Use sempre tesouras sem pontas e colas laváveis e não tóxicas.

FALA SÉRIO!

O que é o ciclo da água?

Ciclo é um sistema que se repete sem parar, que nunca termina, como os dias e as noites, por exemplo. Assim também é o ciclo da água: o movimento contínuo da água presente nos oceanos, nos continentes e na atmosfera.

Você já reparou que em dias de muito sol as roupas secam rapidinho? Ou ainda, depois que chove as poças d'água simplesmente desaparecem? Pois é, isso faz parte do ciclo da água.

Mas, como?

Ele acontece através do processo de evaporação das águas da superfície, ou seja, o sol aquece a água e faz com que ela se transforma em vapor. A evaporação forma as nuvens no céu e quando elas ficam carregadas e atingem elevadas altitudes, onde é muito frio, ela volta a seu estado líquido, ou seja, a água se condensa. Após esse processo a água cai em forma de chuva.

Quem diria heim? Que a água fazia toda essa viagem pelo céu? Mas depois que a chuva cai a viagem continua!

Quando a chuva cai sobre a superfície, a água é infiltrada e uma parte dessa água vai para os lençóis freáticos, uma espécie de depósito subterrâneo de água. A outra parte é absorvida pelas plantas que a devolvem para a atmosfera por meio da transpiração das plantas. A água também pode escoar sobre o solo e abastecer os rios, que deságuam em mares e oceanos.

E começando tudo de novo! Por isso chamamos de ciclo da água, porque é infinito e circular.

Vale lembrar que o ciclo da água é de extrema importância para o planeta Terra pois garante a manutenção da vida.



O CASO DA SANTA QUEDA D'ÁGUA

Emilie Becker

Fernanda Robledo

Isabella Fazzani



Ilustração de Maju Pintyá

RESUMO

A queda de uma barragem leva ao tribunal a Senhora Água, como principal suspeita. O juiz precisará ouvir os advogados e as testemunhas para deliberar quanto ao caso, mas não tomará sua decisão sem antes ouvir um júri de crianças.

CENÁRIO

Sala do tribunal

PERSONAGENS:

Juiz

Advogado de Acusação

Advogado de Defesa

Senhor Faz Tudo

Peixe Peixeira

Senhor Concreto

Senhora Terra

Cactus Espetoso

Vento Ventania



Antes do começo da peça, as crianças da plateia podem deixar o nome em uma urna, para participar do júri popular. O público entra na sala do tribunal e, em seguida, entram o Juiz, o Advogado de Acusação e o Advogado de Defesa.

JUIZ - Sentem-se! Desliguem os celulares, que tribunal é lugar de respeito! Muito bem. O julgamento vai começar. Primeiramente, vamos sortear cinco crianças para fazer parte do nosso júri popular.

O Juiz sorteia, na urna, as cinco crianças que comporão o júri e indica onde devem se posicionar e qual será o papel delas durante o julgamento.

JUIZ - Agora que já estamos todos presentes podemos dar início ao caso de Santa Queda d'Água, número (*contando nos dedos*) zero-zero-zero-zero-zero-zero-zero-zero-zero-zero-um, no qual a Senhora Água, ré primária, é julgada por destruição de barragem pública, causando muitos danos. Estamos aqui para decidir se a ré tem responsabilidade nessa destruição pela qual ela está sendo denunciada. Chamo agora a acusada, a Senhora Água!

*Senhor Faz Tudo vai buscar a Água, para colocá-la na cadeira do réu.
A Água pode ser, por exemplo, um copo d'água.*

JUIZ - Aqui estão presentes os advogados de defesa e o de acusação.

O Advogado de Defesa e o Advogado de Acusação erguem a mão quando são anunciados.

JUIZ - Que entre a primeira testemunha!

Peixe Peixeira é conduzido pelo Senhor Faz Tudo até a cadeira das testemunhas.

JUIZ - Senhor Peixe Peixeira, jura falar a verdade, somente a verdade, nada além da verdade?

PEIXE PEIXEIRA - Sim, senhor Juiz.

JUIZ - Conte: qual é sua relação com a Água?

PEIXE PEIXEIRA - Senhor Juiz, glub, a minha relação com a senhorita Água é de amizade verdadeira, glub. Sim, sim, nós somos amigos desde que eu era um pequeno caviar. Nós passamos bons tempos juntos e, glub, me sinto um peixe fora d'água aqui, mas vim mesmo assim, glub. Porque amigo é para isso. Glub.

JUIZ - E por que está aqui?

PEIXE PEIXEIRA - Estou aqui para defender, glub, minha amiga Água. Sempre a defendo. A última vez foi quando ela foi acusada de matar a sede e, eu, glub, a defendi!

JUIZ - Então o senhor está dizendo que ela não é ré primária?

PEIXE PEIXEIRA - Veja bem, senhor Juiz. Água é azul e sendo azul, glub. Ela só pode ser primária. Se fosse verde como o mar ou marrom como outros rios,



o caso seria outro! Mas vim aqui para dizer que ela é inocente. Glub! Nós crescemos juntos e passamos por tantas aventuras... É. Desde pequeno eu sonhava em fugir, glub. E ela quis ajudar, glub. Íamos fugir das barragens, mas aí ela passou porque ela é fininha e consegue passar pelas brechas das pedras, já eu, que sou cabeçudo, não consegui. Agora sou um peixe com um galo enorme! Ela é demais! Pode vazar de qualquer lugar, uma fugitiva nata! Glub! Eu a admiro muitíssimo. Ela sempre cuidou de mim. Claro que a gente briga, mas, glub, sempre que ela me empurra contra as pedras ela se arrepende e me ajuda a levantar. Ela me traz comida e eu só consigo viver com ela. Somos muito próximos, sabe? Glub. Eu provavelmente morreria sem ela...

JUIZ – Ok. Obrigado, senhor Peixe Peixeira.

Sai Peixe Peixeira.

JUIZ – Que entre a próxima testemunha!

*Senhor Concreto, com movimentos duros e secos,
é conduzido pelo Senhor Faz Tudo
até a cadeira das testemunhas.*

JUIZ – Senhor Concreto, jura falar a verdade, somente a verdade, nada além da verdade?

SENHOR CONCRETO. Sim, senhor Juiz.

JUIZ – Conte-nos o que sabe sobre as atividades da ré, a senhora Água.

SENHOR CONCRETO (*com muita ênfase nas letras “t”*) –Minha história com a senhora Água tem muita tagarelice. Tudo começou numa terça, quando tudo estava pronto, quando digo tudo, digo a barragem. Lá estava eu tra-tra-trabalhando, tapando a passagem da água. Tapando no sentido de ajudar, porque meu trabalho é ajudar os humanos a terem Água. Todos eles precisam de água. Enfim, terça foi quando estava pronto, pronto para conhecer a água. Num primeiro momento, foi até bastante agradável, mas depois tudo se tornou tra-tra-trabalhoso, ela me dava tanto cansaço. Mudava de humor o tempo todo, ora triste, ora tépida. Aí, tudo foi de mal a pior, no dia do desabamento. Eu estava tra-tra-trabalhando como sempre, um lindo sol tilintava o dia, mas algo estava errado naquela manhã. Tudo estava muito calmo. Vocês devem estar se perguntando: por que não estaria? Mas no dia anterior, eu e a água havíamos bri-bri-brigado, porque ela tinha me feito um buraquinho. Toda vez que bri-bri-brigamos, ela acorda turva, mas naquele dia ela estava tranquila. Eu me assustei, não fui tagarelar com ela, pois estava muito bravo. Mais tarde, naquele mesmo dia, ela veio até mim. Já comecei a me sentir melhor, pois achei que vinha pedir desculpas pela tontice que ela me fizera. Eu estava enganado. Ela não tinha vindo pedir desculpa. Só queria saber porque eu não queria mais tagarelar com ela. Então lhe respondi com T T T T T T T T T T T, e ela se sentiu ofendida. Mas tudo que eu queria era pedir desculpas. Aí começamos a discutir. Eu disse



que ela me tratava com brutalidade. Ela disse que eu era um tirano terrível. A coisa esquentou e saímos no tapa, mas toda a minha força não foi suficiente para esta briga. Vocês sabem bem: água mole em pedra dura... Pois é. Quando vi, estava tru-tru-trucidado. Era o fim...

*Senhor Concreto tem uma crise e sai chorando,
sem ao menos terminar seu depoimento.*

JUIZ – Que entre a próxima testemunha, Senhora Terra, por favor.

Senhora Terra é conduzida pelo Senhor Faz Tudo até a cadeira das testemunhas. Ela tem um lado do corpo molhado e o outro seco, anda com dificuldade e demora para chegar à cadeira das testemunhas, onde senta, por fim, aliviada.

SENHORA TERRA – Ufa! Consegui! Ai, que calor!

Senhora Terra abana seu lado seco.

JUIZ – A senhora precisa de ajuda?

SENHORA TERRA – Sim, por favor. Este meu lado precisa de umidade e o outro tem umidade demais.

O Juiz faz um sinal para Senhor Faz Tudo, que sai apressado.

JUIZ – Senhora Terra, jura falar a verdade, somente a verdade, nada além da verdade?

SENHORA TERRA – Mas, veja bem, meu filho, a verdade é relativa. O que é verdade para você pode não ser para mim.

Entra Senhor Faz Tudo, que borrifa água no lado seco de Senhora Terra, enquanto tenta secar o lado molhado.

SENHORA TERRA – O que é verdade para mim, pode não ser para ele (*aponta o Senhor Faz Tudo*), por exemplo.

Senhora Terra reage com prazer à água do borrifador molhando seu lado seco.

SENHORA TERRA – Ah, que bom que permitiram esse momento entre nós duas, querida água, eles não sabem de nada. De nada!

JUIZ – Senhor Faz Tudo, já chega!

Senhor Faz Tudo cessa seus agradecimentos à Senhora Terra.

JUIZ – Então, Senhora Terra, jura ou não jura?!

SENHORA TERRA – Calma, senhor Juiz! Eu juro (*pausa*) tentar!

JUIZ – Então, conte-nos a sua versão da história.

SENHORA TERRA – Bem, a Água... A Água... Por onde começar? Nós inauguramos um clube, um clube de leitura, sabe? De fato, queríamos muito começar um clube, mas acabou não dando certo, porque convidamos mais dois amigos que, assim como a Água, não se deram muito bem com o papel dos



livros. O fogo, usualmente esquentadinho, deixava as páginas um tanto... desintegradas. O ar, coitado, ficava de fora porque não gostava que a gente o mandasse virar as páginas. Mas, por que estou dizendo isso? Curioso... Muito curioso... Deve haver alguma explicação. O caso é que nenhum de nós gostou muito da construção da barragem. Pode até ter sido um pouco preconceituoso da nossa parte, sabe? Ou não, realmente não é lá coisa muito natural construir uma barragem em um rio... Mas sabemos tão pouco sobre o universo, não é mesmo? Como dizer o que é natural e o que não é, não é mesmo? Certamente, nossa primeira reação, digo, a reação dos elementos em geral, foi um tanto quanto, como posso dizer? Contrária, eu diria. Eu, pessoalmente, fui um tanto quanto... um tanto quanto afetada, se posso me expressar dessa forma. Não está fácil para ninguém, não é mesmo? Depois que a barragem foi erguida, como podem ver, um dos meus lados passou a receber toda a água, se tornando bastante encharcado, enquanto o outro foi completamente deixado de lado. Mas isso deve ser um relato pessoal demais, talvez eu possa voltar à questão do clube do livro.

JUIZ – Não, obrigado! Acho que a senhora já se expôs o suficiente!

SENHORA TERRA – Tem certeza, meritíssimo? O senhor sabe, o que é suficiente para vossa excelência pode não ser para eles (*aponta para o júri*), por exemplo.

JUIZ – Eles terão de se contentar!

SENHORA TERRA – Oh! Muito bem, então! Alguém pode me dar uma ajudinha? Ou, no caso, uma ajudona? Vocês sabem, né? A importância da ajuda é relativa!

Auxiliada pelo Senhor Faz Tudo, a Senhora Terra deixa a sala.

JUIZ – Chamo agora a próxima testemunha, o senhor Cactus Espetoso!

Entra Cactus Espetoso, espetando-se o tempo todo e dando gritinhos de dor.

CACTUS ESPETOSO. Ai! Ai! Ai! Meritíssimo, importa-se se eu ficar de pé?

JUIZ – Lamento, mas creio que seja impossível.

CACTUS ESPETOSO. Tá bom... Lá vai. Um, dois três e (*senta-se de uma vez*) Ai!

JUIZ – Ora, Senhor Cactus, se é tão difícil assim, levante-se!

CACTUS ESPETOSO. Tarde demais, meritíssimo. Já sentei!

JUIZ – Senhor Cactus, jura falar a verdade, somente a verdade, nada além da verdade?

CACTUS ESPETOSO. Ai! Juro. Ai!

JUIZ – Então, conte-nos o que sabe...

CACTUS ESPETOSO (*aqui e ali, quando sente uma espetada, grita "Ai!"*) – Estava – Ai! – eu plantado em uma região sequinha quando, de repente, centenas, milhares, milhões de litros de Água (*aponta a Água na cadeira do réu*)



vieram na minha direção! Milhões! Entrei em total desespero, tentava sair do lugar, me mover, me locomover, mas não tinha como! Estava plantado! A enxurrada quase me afogou. Culpa da Água! Ela é culpada, senhor juiz! Culpada! Ai! Ai! Alguém pode me ajudar aqui? (*repete*) Ai!

JUIZ (*pedindo ajuda*) – Alguém?!

Ninguém se oferece para ajudar.

JUIZ – Alguém ajude o Senhor Espetoso? (*para o Senhor Faz Tudo, como quem dá uma ordem*) Alguém!

Senhor Faz Tudo calça luvas de borracha e vai ajudar Cactus Espetoso, conduzindo-o para fora do tribunal enquanto alterna seus gritos de “Culpada!” e de “Ai!”.

JUIZ – Chamo agora a última testemunha. Senhor Vento Ventania!

Entra Vento Ventania, leve como uma pluma.

VENTO VENTANIA (*fala de modo sibilante, às vezes rápido, às vezes lento*) – Vim falar da barragem. Não falo muito com a Água, pois sempre que eu passo ela fica agitada e me segue. É sempre assim. Eu passo e ela escorre. Viaja. E costumava mesmo ir, me seguindo assim, até a barragem, porque a barragem estava sempre no meio do caminho, nós sempre batíamos contra ela. Na maioria das vezes, por educação, eu até estimulava a Água a voar comigo, mas não funcionava muito...

JUIZ – Não se alongue, vá direto ao ponto.

VENTO VENTANIA – Estou quase lá. Antes de haver a barragem, era ali a nossa casa. Não éramos muito chegados, eu e a Água, mas é certo que o lugar era nosso. Aí, sem mais nem menos, a barragem chegou e lá ficou. Por mais que pedíssemos e tentássemos, ela não se movia nem girava um só dedo para ajustar uma gestão de amizade. Isso não é justo.

JUIZ (*interrompendo*) – O senhor por acaso chama isso de depoimento?

VENTO VENTANIA – Sim!

Vento Ventania sai, voando.

JUIZ – Bem, não havendo mais testemunhas a depor e com essa saída súbita do senhor Vento Ventania, senhores advogados, é a vez dos senhores!

ADVOGADO DE DEFESA e ADVOGADO DE ACUSAÇÃO (*juntos*) – Eu começo! Eu começo!

JUIZ – Para que não haja briga, eu vou decidir. Começaremos pela defesa.

ADVOGADO DE DEFESA – Meritíssimo, diante do que foi dito no tribunal é possível constatar a inocência da minha cliente. O Senhor Peixe Peixeira, por exemplo, frisou quão amorosa, companheira e solidária é a Água, cuja as ações são sempre movidas por uma vontade enorme de manter a conti-



nuidade da vida. Até mesmo o Sr. Concreto afirma ter tido uma relação de amizade com a ré. Aliás, o que ele fala sobre uma suposta briga, não pode ser comprovado. Além do mais, o fato de ele ter desmoronado pode muito bem ter sido consequência de sua própria composição. A senhora Terra diz que no seu clube do livro só havia quatro elementos e que nenhum deles se chamava barragem e, diante disso, podemos dizer que a barragem não é um elemento natural. O senhor Cactos Espetoso, mesmo depondo contra a Água, é prova viva de que sem ela não viveria, pois, como sabemos, ele é repleto de água em seu interior. Por fim, chegamos ao senhor Vento Ventania, que claramente expôs a questão de modo, digamos espacial. Ele foi bem explícito ao afirmar que aquela barragem não estava ali antes e que aquele território pertencia a ele e à Água, embora os dois não se dessem bem, o que não vem ao caso. Diante de todos os argumentos aqui expostos, fica patente que aquela barragem não deveria ter sido construída ali, de modo algum, mas mesmo assim ela o foi! Pudemos ver que muitos saíram disso prejudicados e também é perceptível que a destruição da barragem não é culpa da Água.

JUIZ - Muito bem. Acusação!

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO (*levanta a mão*) - Aqui, meritíssimo.

JUIZ - Sua vez!

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO -Gostaria de começar minha argumentação, ressaltando a evidente instabilidade da Água, que foi apontada em vários depoimentos, como no do Senhor Peixe Peixeira, no do Senhor Concreto e até mesmo no do Senhor Vento. Todos foram unânimes em afirmar que a Água tem um comportamento instável, o que poderia muito bem tê-la levado a destruir a barragem. O Senhor Peixe Peixeira, aliás, foi bastante claro ao afirmar que a Água é capaz de passar entre as pedras. E o que é o Senhor Concreto, senão pedra? Sim, meus senhores, pedra! E, como nos disse o Senhor Concreto, foi a partir de um ato violento da Água que começou uma briga que levou ao desmoronamento da barragem. Quanto ao argumento que o ilustre colega (*aponta para o Advogado de Defesa*) levanta, de que a barragem não vem a ser um elemento natural, cabe dizer que a própria Terra não tinha certeza de coisa alguma, muito menos do que pudesse vir a ser um elemento natural.

O Advogado de Defesa vai intervir, mas é impedido pelo Juiz.

JUIZ - Creio que isso seja o bastante para que nosso júri popular possa decidir sobre o destino da ré. Então crianças, qual é a palavra de vocês? Vocês acham que a Água é inocente ou culpada? Culpada ou inocente?

O Juiz ouve os argumentos das crianças e, a partir da contagem de votos, profere sua sentença.



FINAL 1

SE A ÁGUA FOR DECLARADA INOCENTE

JUIZ - Com ajuda do nosso júri popular, decreto a água inocente!

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO - Isso é uma injustiça!

ADVOGADO DE DEFESA - Injusto é o ilustre colega querer condenar algo que traz vida para muitos, pois o planeta em que vivemos só é bonito assim, porque tem água para lhe dar vida e beleza. Como você viveria sem a água?

O Advogado de Acusação fica sem palavras.

JUIZ - Senhores, não vamos brigar, isso não é hora. A briga não nos levará a lugar algum. Senhora Água, a senhora está livre. Podem levá-la de volta, para correr rio a fora.

Entra Sr. Faz Tudo e tenta levar embora a Água, mas o Advogado de Acusação avança, toma-lhe o copo e bebe a água inteira.

ADVOGADO DE DEFESA (*desesperado*) - Não!

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO - Eu venci!

Indignação no tribunal.

JUIZ - Acalmem-se! Acalmem-se! A Água está em muitos outros lugares além desse copo. E, como decretado pelo júri, ela continua livre. Quanto ao senhor Advogado de Acusação, por desacato a este tribunal, está preso!

O Juiz bate o martelo e o Advogado de Acusação é levado à força pelo Senhor Faz tudo.

FINAL 2

SE A ÁGUA FOR DECLARADA CULPADA

JUIZ - Com ajuda do nosso júri popular, decreto a água culpada, devendo cumprir como pena o trabalho forçado de água sanitária. Aquela de limpar privada!

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO - Eca! Bem feito!

O Advogado de Defesa começa a chorar.

JUIZ - O que foi? Por que esse chororô?

ADVOGADO DE DEFESA - O Juiz ainda pergunta? Eu sempre acreditei na inocência da água. Ela é muito importante para Todos. Água não é só um líquido transparente que se pode beber, a Água, pra mim, é vida!

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO - Mas ela também traz problemas para muitos. Prova disso são as enxurradas, que deixam muitas pessoas sem suas casas e que podem trazer doenças!

ADVOGADO DE DEFESA - Mas, para evitar isso, basta adotarmos pequenas



atitudes, como parar de jogar lixo no chão ou dentro do rio, isso ajuda a não entupir os canais e facilita o escoamento da água. Uma pequena atitude como essa pode ajudar a minimizar os impactos de uma chuva forte.

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO - E como você pretende que todos façam isso?

ADVOGADO DE DEFESA - E você como pretende que exista vida sem Água?

JUIZ - Senhores, já chega por hoje! A Água, como uma verdadeira representante dos quatro elementos, saberá cumprir sua pena com honra. Além do mais, a Água não deixará de ser importante para os que verdadeiramente nela acreditam. Está encerrada a sessão!

Juiz bate o martelo.

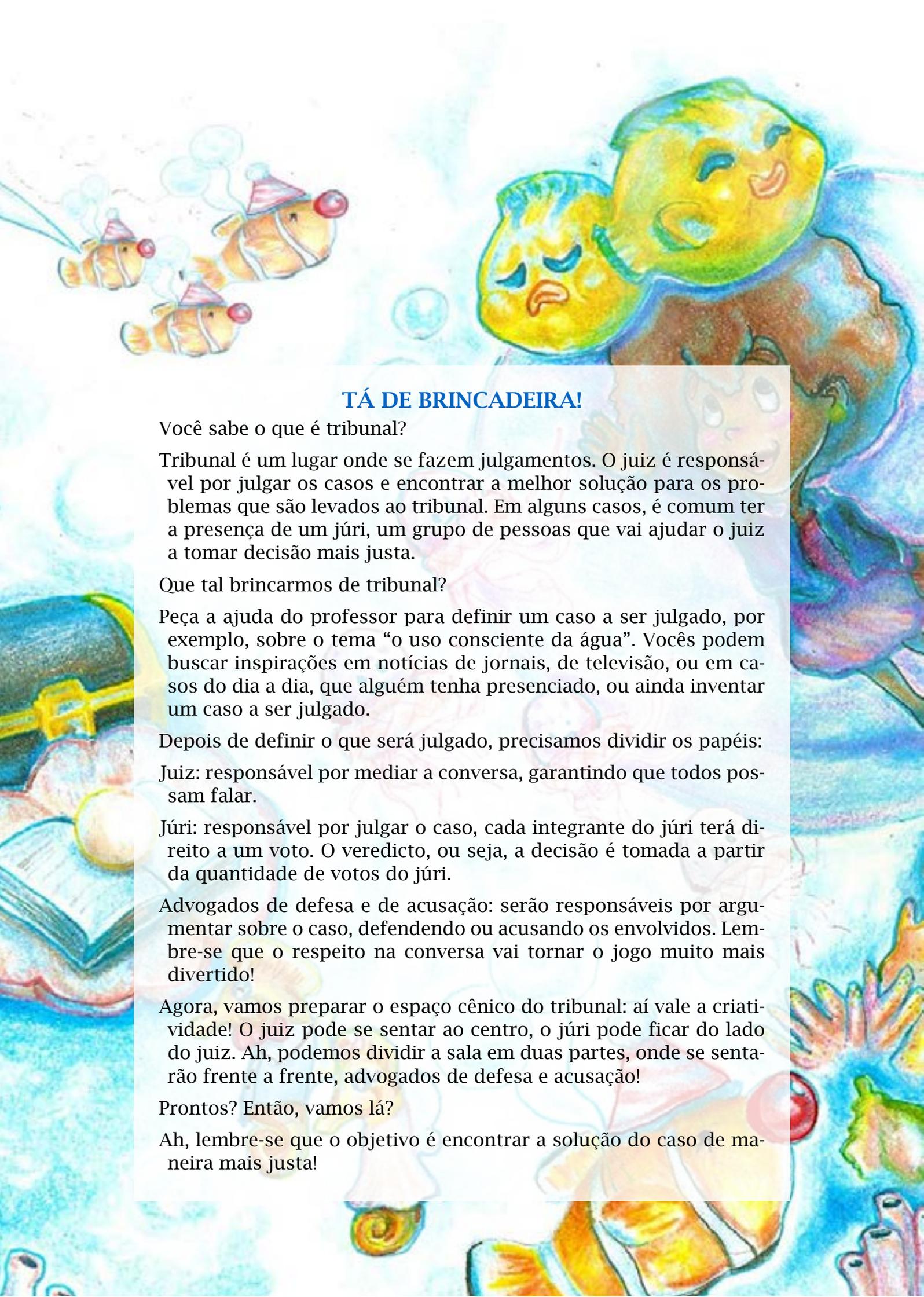
FIM



NO TEATRO, A GENTE DIZ...

ESPAÇO CÊNICO

- Vamos ao teatro?
- Eba! Vamos! Adoro aquela prédio grande, com aquela sala escura cheia de cadeiras com um palco lá na frente e...
- Ô! Espera um pouco! Nem todo teatro é assim.
- Ah, mas se não for assim, é teatro de boneco, esse que a gente faz com bonequinhos saindo de uma caixa.
- Nada disso! Teatro pode acontecer numa praça, no pátio da escola, na sala de aula, dentro do ônibus, na biblioteca, atrás de um lençol e até no quintal da vovó. Teatro pode acontecer em tantos lugares diferentes, que qualquer espaço onde aconteça uma peça ganha um nome especial: espaço cênico, que é o nome do lugar onde as cenas acontecem.
- Nossa! Assim deu vontade de ver espaço cênico até no espaço sideral!

The background of the page is a colorful, watercolor-style illustration of an underwater scene. In the upper left, a family of three clownfish (orange with white stripes) are swimming, with the largest one wearing a pink party hat. In the upper right, a large, yellow, round fish with a sad expression is being held or supported by a larger, brownish fish. The bottom of the page shows more clownfish and a large, colorful sea anemone. The text is contained within a white rectangular box in the center.

TÁ DE BRINCADEIRA!

Você sabe o que é tribunal?

Tribunal é um lugar onde se fazem julgamentos. O juiz é responsável por julgar os casos e encontrar a melhor solução para os problemas que são levados ao tribunal. Em alguns casos, é comum ter a presença de um júri, um grupo de pessoas que vai ajudar o juiz a tomar decisão mais justa.

Que tal brincarmos de tribunal?

Peça a ajuda do professor para definir um caso a ser julgado, por exemplo, sobre o tema “o uso consciente da água”. Vocês podem buscar inspirações em notícias de jornais, de televisão, ou em casos do dia a dia, que alguém tenha presenciado, ou ainda inventar um caso a ser julgado.

Depois de definir o que será julgado, precisamos dividir os papéis:

Juiz: responsável por mediar a conversa, garantindo que todos possam falar.

Júri: responsável por julgar o caso, cada integrante do júri terá direito a um voto. O veredicto, ou seja, a decisão é tomada a partir da quantidade de votos do júri.

Advogados de defesa e de acusação: serão responsáveis por argumentar sobre o caso, defendendo ou acusando os envolvidos. Lembre-se que o respeito na conversa vai tornar o jogo muito mais divertido!

Agora, vamos preparar o espaço cênico do tribunal: aí vale a criatividade! O juiz pode se sentar ao centro, o júri pode ficar do lado do juiz. Ah, podemos dividir a sala em duas partes, onde se sentarão frente a frente, advogados de defesa e acusação!

Prontos? Então, vamos lá?

Ah, lembre-se que o objetivo é encontrar a solução do caso de maneira mais justa!

FALA SÉRIO!

O que é barragem?

Ela é uma barreira artificial feita no curso de água, que retém uma grande quantidade de água, é utilizada para o abastecimento de zonas residenciais, agrícolas, industriais e para produção de energia elétrica. As barragens podem causar uma série de modificações socioambientais na região instalada, pois para sua construção é necessário o alagamento de um extenso território, por isso deve haver a discussão sobre a real necessidade de sua construção e de alternativas para minimizar os impactos.

Geralmente, em grandes projetos de gerenciamento da água como o de barragens, projetos de irrigação, dentre outros, um comitê é convocado para analisar os prós e os contras de sua execução naquela região, esses são chamados Comitês de Bacia Hidrográfica. Nesse comitê se reúnem representantes do governo, dos usuários e da sociedade civil para discutir e negociar, democraticamente, as melhores decisões a serem tomadas visando o uso sustentável da água e a minimização dos impactos ambientais e sociais.



A DAMA

Thiago Richter



Ilustração de Bruna Alimonda

RESUMO

Um garoto, em uma terra de fantasia que jamais antes visitara, segue em busca de sua amiga, a Menina-Lua e, em sua jornada, acaba encontrando algo completamente diferente do que procurava: a maturidade e também algumas outras respostas, além de novas perguntas.

CENÁRIO

Um espaço livre de jogo, onde se sucedem os encontros do Garoto com os demais personagens, sugerindo estágios dos cursos d'água, como oceano, correnteza e nascente.

PERSONAGENS

Garoto

Occe

Anno

Correnteza

Dama

Nascente

Coro



CENA 1 – OCCE & ANNO

Em cena, além do coro, estão presentes Occe e Anno, que têm sotaque italiano. Occe é bastante calmo e amigável, enquanto Anno é explosivo e agressivo, mas, de certa forma, também divertido. Entra o Garoto.

CORO –

O garoto chegara, em busca do que perdeu
Sua amiga e companheira ele agora não via
Em uma terra onde jamais antes esteve
E, portanto, perdido estava em meio ao breu

OCCE – Menino! Você, menino! Como chegou até aqui? É tão cedo.

GAROTO – Eu... Cedo?

OCCE – Muito cedo. Está sozinho?

GAROTO – Não, eu vim com uma amiga.

OCCE – Que tolice, não vejo ninguém com você.

GAROTO – Meus pais dizem a mesma coisa.

OCCE – Seus pais também não estão aqui, não vê?

GAROTO – Não, dizem isso em casa! Você a viu?

OCCE – Não, acabei de dizer, não tem ninguém do seu lado. Está se sentindo bem?

GAROTO – Não agora, neste minuto, antes! Você a viu ou não?

OCCE – Vi quem?

GAROTO – A Menina-Lua!

ANNO (*com voz de trovão*) – Menina-Lua? (*dá uma gargalhada poderosa*) Que tipo de nome estapafúrdio é esse?

GAROTO – Não sei se é o nome dela, mas é como eu a chamo. Estapa-estapafúrdio?

OCCE – Vocês humanos são tão engraçados.

ANNO – Só acha engraçadinho porque esse aí ainda é filhote. Esse bicho aí quando cresce, irmão, é só desgosto e você bem sabe.

OCCE – Não seja injusto, irmão. Não são todos ruins, muitos deles são bons.

ANNO – Não são não! Eles não se importam conosco, nem com nossos amigos! Despejam toda aquela porcária pra cima da gente, espantam todo mundo! Ninguém quer nadar no meio daquela porcária deles, nem eles mesmos! Não tem maré que aguente!



GAROTO - Nadar?

ANNO - Nadar. Braçadas, mergulhos. Glub glub? Precisa que eu desenhe? Que eu faça um gráfico? Um PowerPoint?

GAROTO - Eu sei o que é nadar.

OCCE - E sabe? Nadar?

GAROTO - Sei sim, aprendi quando era pequeno.

ANNO - Você ainda me parece bem pequeno.

GAROTO - Menor ainda.

OCCE - E se sabe, gosta?

GAROTO - Muito.

OCCE - Viu? Se ele gosta de nadar, ele deve ser um dos bons.

ANNO - Sim, ele com certeza é um dos bons! Você está certo, que brilhante dedução, irmão! Que perfeito juízo de caráter feito em apenas dois minutos de conversa! Ora, francamente! Não dou dois minutos para ele jogar uma latinha de alumínio na sua cara.

GAROTO - Eu não vim com nada, eu juro! Eu realmente só estou procurando minha amiga.

ANNO - Você vê alguém aqui, além de nós?

GAROTO - Não.

ANNO - Pois bem, veja que curioso! Você está realmente sem motivos para estar aqui, arriscando nossas vidas.

OCCE - Que exagero, irmão, francamente. (*para o Garoto*) Você e sua amiga nadam juntos?

GAROTO - Sim, muitas vezes. Inclusive no mar, não gosto de entrar sozinho, e ela sempre me faz companhia. Meus pais não gostam de água, dizem que —

ANNO - Sabia que não dava pra confiar! Ouviu isso, irmão? Não gostam de água!

GAROTO - Não gostam de água do mar porque acham gelada.

OCCE - Hmm, se nadam juntos, talvez... Bem, não sabemos de sua amiga, mas acredito que a talvez a Dama deva saber.

GAROTO - A Dama?

ANNO - Mas você está cheio de boas ideias hoje, irmão, impressionante! Você acha mesmo que a Dama ia perder tempo procurando a amiguinha do tacador de lata?

GAROTO - Eu não joguei lata nenhuma.

ANNO - Irrelevante! Já perdemos tempo demais com as suas falácias errá-



ticas! O que estamos esperando para arremessá-lo para longe daqui? Ele começar a vomitar petróleo na nossa cara?

OCCE - Eles não vomitam petróleo, irmão, isso é uma lenda, e você bem sabe.

ANNO - Irrelevante! Não estou afim de descobrir se for verdade! Você sabe como é difícil limpar esse tipo de sujeira, garoto?

OCCE - Não dê ouvidos a ele, menino. Siga a correnteza, viaje com a nossa maré. Depois do mais escuro dos leitões, lá ela estará.

GAROTO - Muito obrigado, aos dois. Mesmo ao seu irmão mal-humorado.

OCCE - Ele não faz por mal, espero que entenda. Tem muito medo dos humanos. Vá, siga o fluxo!

O Garoto sai.

CENA 2 - CORRENTEZA

Correnteza está correndo pelo palco, quando entra o Garoto.

GAROTO - Com licença...

CORRENTEZA (*sem jamais parar de correr*) - Pode falar!

GAROTO - Você é a Correnteza?

CORRENTEZA - Eu mesma, Correnteza. Se quiser, venha comigo. Se não quiser, não tem problema, eu o convenco a vir comigo mesmo assim (*começa a puxar o garoto pelo braço*). Engraçada, a palavra "assim". A - S. S. I. M. Engraçada, mas não tanto como, não sei, "presunto" ou "chinelo". Engraçado como usamos a palavra "engraçado" para coisas que não são de fato engraçadas, mas apenas curiosas. Curioso que não usamos "curioso" em toda fala, às vezes sai "engraçado". Engraçado, não?

GAROTO (*correndo com a correnteza*) - Engraçado mesmo! Eu preciso chegar até a Dama, você pode me levar até ela?

CORRENTEZA - A Dama? Você quer encontrá-la? Engraçado mesmo! A pergunta é: será que ela quer encontrá-lo também? Na verdade, quem quer de fato encontrar alguém? Quanto desses encontros são acidentes, e quantos encontros são na verdade desencontros? Engraçado mesmo, se for pensar.

GAROTO - Talvez, mas eu realmente preciso encontrá-la. Ela está com a minha amiga.

CORRENTEZA - Amiga, que amiga? Por que está dormindo? E fala como se estivesse debaixo d'água. Como eu. Eu falo como se estivesse debaixo d'água? Acho que deveria perguntar à Dama sobre isso. Se a encontrar, pergunte a ela por mim. Ou não pergunte, faça como achar melhor, mas se lembrar de mim e quiser perguntar, eu acharia legal da sua parte.

GAROTO - Minha amiga é a Menina-Lua. E como eu poderia estar dormindo e debaixo d'água e ainda assim falando com você?



CORRENTEZA - A Menina-Lua, claro! Já ouvi falar da juvenzinha! Acho que estava com a Dama, sim, quem te deu essa informação estava bem correto. Bom, isso se eu tiver visto bem... Mas não vi bem, não. Vi que a Dama trazia alguém ao seu lado, mas quem era de fato, não sei dizer... Nem sei dizer ao certo quem é a tal Menina-Lua, ou se alguém é de fato uma menina que chamamos de Lua. De qualquer forma, bem correto. Tira um R e vira coreto, que rima com cateto. Menina-Lua, sim! Filha da Lua, tataraneta da Via Láctea, que é filha de...? Filha de quem? Nunca perguntei.

GAROTO - Pode me levar até ela? Até a Dama.

CORRENTEZA - Vem comigo, bobinho! Segura na minha mão, porque teremos que atravessar o mais escuro dos leitos, e sabe o que não tem no mais escuro dos leitos? Luz. Sem luz, você não ia me ver, e não acho que você queira ficar perdido para sempre no mais escuro dos leitos sem achar nenhuma saída. Me parece desesperador. Ou bastante calmo, sem ninguém pra ficar falando, falando e falando na sua orelha, você não detesta esse tipo de coisa? Vem, bobinho, rápido!

CENA 3 - A DAMA

CORO -

O encontro do garoto com a Dama
 Ele tão baixo, ela tão alta
 Ele tão jovem, ela tão ancestral
 Não medem forças, ele não ousaria
 E ela, por sua vez, não o afogaria

DAMA - Não costumo ver criaturas do seu tipo, ainda mais tão pequenas.

GAROTO - Conheço um monte de pessoas maiores do que eu, mas não tanto quanto você.

DAMA - Aproxime-se. Conheço seu rosto.

GAROTO - Não conheço o seu, mas sinto que—

DAMA - Que já me viu antes, eu sei. Se veio procurar a Menina-Lua, deve saber que não posso devolvê-la.

GAROTO (*suspira, buscando palavras*) - Você a viu? Foi você mesma que a levou? Me disseram que eu deveria procurá-la, que você saberia.

DAMA - E sei. Sua informação foi precisa. Levar e trazer é parte do meu propósito, da minha existência.

GAROTO - Gostaria que você a trouxesse de volta, então.

DAMA - Trago a vida, mas também sou agente de sua retirada. Ainda assim, feito o feito, sai das minhas mãos. Não é minha para retornar. São muitas, nenhuma minha.



GAROTO - Pode me levar também então?

DAMA - Poderia, mas ainda é cedo, tão cedo.

GAROTO - Quem determina isso? De quem é a escolha? Se tem tanta gente que é levada, por que não eu?

DAMA - Eu não determino, não escolho. Sou uma de três, pergunte às minhas irmãs, se as encontrar. Não escolho a vida que trago ou retiro, se veio aqui procurando respostas, temo que não vá encontrar.

GAROTO - Eu não quero respostas. Eu quero encontrar minha amiga e ir embora, só isso.

A Dama não responde, apenas continua olhando o Garoto.

GAROTO - Não posso mais vê-la? Nem ao menos uma vez?

DAMA - Temo que não. Se isso é tudo, preciso pedir para que—

GAROTO - Por favor, eu só queria uma última vez...

DAMA - Há uma forma... Respostas, talvez. O meu filho. Meu filho mais jovem, também foi meu primeiro. Deve encontrá-lo, se nadar contra a correnteza, até o topo da montanha. Não a mais alta, mas também não a mais baixa. As montanhas de coroa azulada. Deve procurar o início, para quem sabe também encontrar o fim.

CENA 4 - NASCENTE

CORO -

O garoto, portanto, contra a correnteza correu
 E a busca por sua amiga
 Fiel companheira de brincadeiras
 Encontraria agora seu estopim
 Buscando então o início
 Acabou de fato encontrando também o fim

Agachada, como se brincasse com pedras em água corrente, está Nascente, uma personagem cujo gênero não é realmente claro. Nascente é muito jovem, mas também carrega consigo uma ancestralidade poderosa, comparável apenas à da Dama. Ao ver o Garoto, Nascente se levanta e olha profundamente nos olhos dele. Ouve-se um som potente de água. Nascente sorri.

GAROTO - Você está dentro da minha cabeça. Eu consigo te ouvir.

Nascente ri suavemente.

GAROTO - Eu te escuto aqui dentro. Você está congelando, como que em águas muito frias, parece gelo... Dói.

Nascente suspira.



GAROTO (*aliviado*) - Obrigado. Você é o primeiro. O início de tudo. Tudo isso... De todo o mundo. Você sempre esteve aqui. E lá. Nascente.

*Nascente emite um suave som afirmativo,
e concorda com a cabeça.*

GAROTO - Sim, eu... Você a viu? Você a viu.

Nascente ri.

GAROTO - A Dama. Sua mãe. Ela me mandou até você.

Nascente desvia o olhar por um segundo, retornando em seguida.

GAROTO - Não. Ela apenas me apontou a direção, não veio comigo... Ela está aqui, conosco? Comigo.

Nascente ri.

GAROTO - A Dama me mandou até você, porque precisava vir comigo.

Nascente olha fixamente para o Garoto.

Pausa.

GAROTO - Você a viu? A Menina-Lua?

Nascente inspira profundamente.

GAROTO - Então ela se foi. Mesmo. Não poderei mais vê-la?

Nascente inspira rapidamente.

GAROTO - Pois eu não aceito! Não quero vê-la só na minha memória! Que graça isso tem? Eu quero brincar, eu quero correr, eu quero nadar. Não quero ter que fazer tudo isso sozinho. Eu não pedi por isso, para estar aqui, para me perder... Para perdê-la. Eu só queria que as coisas pudessem voltar a ser como antes!

Nascente expira calmamente.

Pausa.

GAROTO - O que acontece se eu.. disser sim? Para onde ela vai? E eu? Para onde eu vou?

Nascente desvia o olhar por um segundo, retornando em seguida.

GAROTO - Eu entendo.

Nascente emite um suave som afirmativo, e concorda com a cabeça.

GAROTO - Confio em você. Nela também. Tudo aqui existe por vocês existirem também. Aqui e no mundo. No meu mundo. Sem vocês eu não existo, nem meus pais... E acho que nem a Menina-Lua.



Nascente olha fixamente para o Garoto.

GAROTO - Quando eu voltar para casa, vou esquecer dela?

Nascente olha fixamente para o Garoto.

GAROTO - Eu entendo. Talvez seja hora. Espero que ela ainda tenha alguém para brincar, quando eu voltar. Não quero que ela também tenha que ficar sozinha.

Nascente sorri, olhando profundamente para o Garoto.

GAROTO - Que bom. Estou pronto.

Nascente estende as palmas das mãos para o Garoto, que a toca com as suas, em espelhamento.

EPÍLOGO

CORO.-

Sua jornada chegara ao fim
A primeira de muitas, e ainda assim única
Se algo foi deixado para trás
Foi dando lugar ao que ainda estava por vir

OCCE - A busca pelo que perdeu.

ANNO - Foi realmente em vão.

CORRENTEZA - Afinal, como é que perdemos no caminho aquilo que já não possuíamos desde o princípio da jornada?

DAMA - O que levo é necessário, chegara o momento de levar a Lua para que pudesse então se tornar Sol. Não encontrou o que procurava, no lugar encontrou o que precisava.

GAROTO - Ainda quero brincar, correr e nadar. E ainda vou. Talvez sozinho, talvez não. Parece que será diferente.

Nascente ri.

TODOS - Sabemos. Mesmo quando acordar, quando o primeiro raio de Sol da manhã no rosto tocar, para sempre haverá dentro de si a Lua a brilhar.

FIM

NO TEATRO, A GENTE DIZ...

IMAGINAÇÃO

- Feche os olhos.
 - Pronto.
 - Imagine que você está na praia. Concentre-se bem!
 - Imaginei.
 - Me diz o que está sentindo.
 - O calor do sol no meu rosto, o barulho do mar, gostinho de picolé...
 - Boa! Agora imagine que está num campo com uma grama verdinha.
 - Estou ouvindo passarinho, sentindo cheiro de grama molhada e gosto de fruta do pé.
 - Não é legal?
 - Não me atrapalha! Estou imaginando tarde de domingo no sofá, com filme e pipoca!
 - No teatro a imaginação é super importante. Seja na hora de ser ator ou na hora de ser público. O teatro é um convite pra imaginar. A gente viaja para lugares diferentes sem sair do lugar, ou seja, usando a nossa imaginação.
- Então imaginação é: um mundo que existe dentro da nossa cabeça. Mas dentro do teatro não pode comer pipoca, hein?
- Não faz mal, é só usar a imaginação...



TÁ DE BRINCADEIRA!

Sabe quando a gente brinca que um galho é uma espada, que um lençol é uma capa, ou então que aquela caixa se transforma num barco?

O próximo jogo é bem parecido com esse tipo de brincadeira. Nossa imaginação vai transformar os objetos em outras coisas. “Não tô entendendo nada”, você deve estar pensando.

Vou explicar!

A primeira parte do jogo é simples, cada um dos jogadores trará um objeto do dia-a-dia: mas lembre-se de pedir autorização aos seus responsáveis. Já pensou se você traz uma panela bem no dia em que sua mãe ia fazer aquela sua comida predileta?

Depois que todos trouxerem um objeto, vamos guardá-los num baú, ou numa caixa. O professor, ou algum dos jogadores, vai sortear um objeto da caixa. Por exemplo, um cabide.

Em roda, cada um dos jogadores terá de transformar o objeto em outra coisa: por exemplo, um cabide que se transforma em um telefone! Um a um os jogadores vão inventando novas funções ao objeto sorteado. Só não vale repetir! O jogo só termina quando todos os objetos forem sorteados.

Use sua imaginação e se divirta!



FALA SÉRIO!

Você já parou para pensar qual é o caminho que o rio faz até encontrar o mar?

O lugar onde o rio nasce é chamado de nascente. A nascente segue para a foz que é onde ele despeja sua água, que pode ser em outro rio (nesse caso chamamos de afluente), lago ou no mar.

Os lados do rio são chamados de margens. Geralmente, as margens possuem grandes árvores que são importantes para evitar o processo de erosão que é o deslizamento do solo e que pode modificar o curso do rio.

Mas, como assim o rio faz curso? Ele estuda?

O curso do rio é o percurso que o rio faz da nascente até a foz. Também há o leito que é por onde as águas do rio correm. A correnteza é o trecho em que as águas vão mais rápidas, geralmente ocorre ondulações e pequenas ondas.



JOGOS CRUZADOS, PALAVRAS PESCADAS

Aurea Guaraná

João Pedro Luz

Marie Rollo Mansur

Vera Vidigal Bucci



Ilustração de Maju Pintyá

RESUMO

Essa peça é um jogo de armar: em cada cantinho do pátio da escola tem uma conversa acontecendo e dá para encenar quantas quiser, como quiser, na ordem em que se desejar. Também dá para fazer tudo de vez, de ponta a ponta, emendando o fim de um diálogo no começo do outro.

CENÁRIO

O pátio da escola.

PERSONAGENS

Vários alunos, designados sempre por letras (A, B e C).



Espalhados pelo pátio da escola, os alunos de uma escola vivem ceninhas individuais.

CENA 1 – TIA FILÓ

A – Bibi!

B – Oi, Vivi! Mas você está fazendo o que, aqui? Não é intervalo da sua aula!

A (*baixinho*) – Não conta pra mamãe? Promete?

B – O que você aprontou agora?

A – Não foi culpa minha!

B – Eu sei, nunca é!

A – Promete?

B – Fala logo! Não ajudo você sempre?

A – A professora me pôs para fora da classe! Mas eu não fiz nada! A culpa foi toda dela. Todo mundo tinha que falar sobre o choro, por que as pessoas choram. Daí cada um contou uma história. Uma mais triste que a outra, mas eu não queria chorar.

B – E o que chorar tem a ver com sair da sala?

A – É que daí chegou minha vez de falar e eu fiquei pensando num choro que não é choro.

B – E daí?

A – Daí eu me lembrei da tia Filó.

B – E onde é que a tia Filó entra nesta história? Vivi, você é muito complicada!

A – Lembra quando fomos visitá-la e ela disse para você colocar a mesa e para eu ajudar na cozinha?

B – Piorou! Será que você pirou?

A – Fui cortar cebolas e comecei a chorar. Mas não era choro choro... Só lágrimas saindo dos meus olhos que não paravam nunca mais!

B – E você foi contar esta história e sua professora ficou brava?

A – É, mas não foi por isso, foi pelo que eu falei depois. Quer dizer, pelo que aconteceu depois do que eu falei depois!

B – Fala logo, Vivi!

A – É que daí a tia Filó mandou eu deixar a torneira aberta, para eu parar de chorar. Quando eu contei isso, começou uma confusão na classe. Um dizia que tia Filó não podia jogar água fora desse jeito. Outro dizia que ela tinha que cuidar mais da água. Outro perguntava se ela não sabia que a água está diminuindo. Daí eu berrei furiosa, com todo mundo falando mal da tia Filó, e a professora me falou pra eu sair da classe e pensar se é certo deixar a torneira aberta! É certo, Bibi? Eu acho que não, mas ao mesmo tempo arde o



olho cortar cebola, aí eu acho que sim. Como você sabe quase tantas coisas quanto a mamãe, eu vim perguntar pra você...

B - Vivi, você não existe!

A - Mas é certo ou não é?

B - Pra falar a verdade, não sei.

CENA 2 - CACHOEIRAS

A - Eu não sei! Não sei! Tá muito difícil. Você me ajuda com a lição de casa?

B - Tá bem, vai...É de quê?

A - Ciências.

B - Ai, que chato, odeio ciências.

A - Ah, vai! Você disse que ia me ajudar!

B - Tá bem. É pra falar sobre o quê?

A - Cachoeiras...

B - Cachoeiras? Não tinha nada mais chato?

A - Pare de reclamar e preste atenção!

B - Certo, mas é pra falar sobre o quê, especificamente?

A - Sobre como as cachoeiras são formadas, tipo como que aquela água toda escorre sem parar, o quanto de água que cai, se elas têm cor, se o aquele barulhinho da cachoeira é...

B - Tá bem! Já sei!

A - Já sabe? Sobre as cachoeiras?

B - Sim. Sei que cachoeiras me dão uma vontade danada de fazer xixi! Fui!

B sai correndo para o banheiro.

A - Se eu conto, ninguém acredita...

CENA 3 - CADÊ A ÁGUA?

A - Nem te conto. Fui puxar a descarga e o cocô não sumiu.... Fui escovar os dentes e não tinha água... Você sabe o que é isso? Não ter água em casa?

B - Ih! Seu pai não pagou a conta, não? Tá mal, hein?

A - Pirou? Não é nada disso!

CENA 4 - VAIDADE

A - Nada disso! Eu não passo lá de jeito nenhum! Tô morrendo de vergonha! E, olha, não conta pra Pati que eu vim com a mesma camisa hoje, senão vou sofrer *bullying*, mas minha mãe não consegue lavar meu uniforme há dias!

B - Tá com racionamento de água na sua casa também? Saco né?



A - Pelo menos ainda tem para beber. Quer um gole?

CENA 5 – BOCA SECA

A - Argh! Estou com a boca seca.

B - Como assim, boca seca?

A (*falando lentamente*) - Boca seca.

B - (*imitando a fala lenta de A*) - Impossível. A boca jamais seca, afinal temos saliva.

A - Você é chato mesmo... Para você, a palavra só tem um significado, tem que ser literalmente exata. Então, como você diria que está com sede?

B - Ué, simples, eu diria: estou com sede, preciso beber água para matar a minha sede.

A pula para perto de B, apontando a mão em forma de arma em direção à sua bochecha.

A - Aha! Vou matar a sua sede agora!

B - Que é isso? Pirou?

A - Eu não posso estar com a boca seca, mas você pode matar a sede?

B - Ah, vai tomar banho!

CENA 6 – ECONOMIA

A - Já disse pra você tomar banho! Você tá muito sujo!

B - Não! A professora disse que tem que economizar água, aí eu parei de tomar banho.

A - Credo que nojo!

B - Nojo nada, é economia!

A - Então eu vou economizar meu nariz saindo de perto de você!

CENA 7 – SUPER-HERÓIS

A - Vamos brincar?

B - Tá. De quê?

A - Super-heróis!

B - Eu sou o Batman!

A - Eu sou o Aquaman!

B - Já perdeu.

A - Por quê?

B - Os poderes do Aquaman são inúteis aqui, todos só funcionam na água.



Mas o Batman não tem fraqueza nenhuma!

A - Até parece! E se, por acaso, eu controlasse a água do suco com meus superpoderes e levasse o camarão do meu lanche até a sua boca?

B - Ah não vale! Você sabe que eu tenho alergia.

A - Ou seja: eu ganhei.

B - Eu nem queria brincar disso mesmo. Foi ideia sua.

A - Tá bom. Esconde esconde?

B - Beleza. Valendo. Pode contar!

CENA 8 - GOTEIRA

A conta as gotas que pingam de uma torneira.

A - 1,2,3,4...

Entra B.

B - O que você está fazendo?

A - 8,9,10,11...

B - Que tédio.

Entra C.

C. Oi, estão jogando o quê? Pique esconde não é.

A - 18,19,20,21,22...

B - A Vivi está entretida, contando as gotas que caem da torneira.

C. E você fica aí parada? Que absurdo!

B - Você quer que eu conte também? Não estou afim.

A - 30,31,32,33,34...

C. Af!

C fecha a torneira, que para de pingar.

A - Ei! Por que você fez isso? Cortou o meu barato.

C. Não Vivi, cortei foi o desperdício de água, isso sim. E anda logo, senão você vai perder o lanche.

CENA 9 - HORA DO LANCHE

A - O que você trouxe de lanche?

B - Pão com queijo e suco de limão. E você?

A - Suco de laranja e bolacha de água e sal.

B - Bolacha de água e sal? Como que se faz?



A - Com água e sal, oras. Talvez coloquem óleo pra juntar tudo...

B - Nossa, será que é por isso que a água está acabando?

A - Como assim?

B - O mar tá virando bolacha pro lanche. Quer dividir?

CENA 10 - AINDA O LANCHE

A - Topa dividir comigo?

B - Você? Querendo dividir o lanche? O que houve?

A - É que eu vi que sua mãe mandou salgadinho.

B - Ah, eu sabia... Interesseiro!

A come com prazer.

A - Ela desistiu de mandar capim?

B - Capim, nada! Salada! Minha mãe é craque na cozinha, mas como ontem não tinha um pingo d'água lá em casa, o jeito foi trazer lanche de saquinho.

A - Saquinho é sempre melhor!

B - Você fala isso porque não tem um pingo de juízo. Nem um pingo!

CENA 11 - PINGA-PINGA

A - Por que você estava ali, parada, contando pingo?

B - Não enche!

A - Caramba, precisa falar assim?

C. Deixa que ela está triste.

A - Por quê?

C (*cochichando*) - Ela descobriu que a fábrica que está poluindo o rio é a do pai dela.

CENA 12 - PESCADOR

A - Sabia que meu pai é pescador?

B - Coitado.

A - Coitado por quê? Ele pega um monte de peixe todo dia!

B - Mentira!

A - Não é não!

B - Mas a água do mar não está acabando?

A - O quê? A água do mar nunca acaba. O que está acabando é água limpa, de tanto que a gente polui os rios.

B - Então, ainda bem que ele não trabalha no rio. Senão, ia acabar sem emprego.



A - Não ia nada.

B - Como assim?

A - Adivinha.

B - Não sei.

A - Ele podia limpar o rio, era só virar pescador de lixo.

B - Pôxa.... Essa eu não ia adivinhar nunca!

CENA 13 - LENDA

A - Te dou cinco cards, se você adivinhar quem faz aniversário hoje!

B - Hum, hoje é quinta. Ah, sei lá... Como vou adivinhar? Deve ter um monte de gente fazendo aniversário.

C. Deixa eu te explicar, meu filho. Em primeiro lugar: aniversário a gente não adivinha pelo dia da semana e, sim, pelo dia do mês, e hoje é dia 22 de março, para sua informação. Segundo lugar: quem faz aniversário hoje não é uma pessoa e, sim, um líquido transparente.

B - Você dorme de cabeça pra baixo, pra acordar doidinha assim? Aniversário de um líquido transparente? Quer que eu vá com você até a enfermaria, ver se está com febre? (*para A*) Ouviu o que ela disse? Aniversário de um líquido transparente!

A - Mas ela tá certa!

B - Então peraí, que eu vou me afogar na pia e já volto!

A - Então você vai se afogar na aniversariante, porque hoje é o dia da água.

B - Hum, grande coisa! A água nem é uma pessoa... Água é uma... uma... transparência que a gente bebe!

C. Pra mim, a água é um suco que não tem gosto de nada.

D (*intruindo-se na conversa*) - Meu pai é cientista e me explicou que a água é uma molécula resultante da ligação natural do oxigênio e do “hidrogênio”.

C. O certo é “hidrogênio”!

D. Não é não! É “hidrogênio”.

A, B e C (*juntos*) - É “hidrogênio”!

B - O irmão do Beto tá no oitavo ano e tem essa palavra no livro de ciências dele!

D. Ah, pra mim, tanto faz. Eu queria saber mesmo é de onde vem tanta molécula, já que tem tanta água no mundo.

C. Minha mãe falou que vem do choro da Lua.

B (*ri*) - Sua mãe deve estar bem lelé da cuca mesmo, né?



C. Ei! Minha mãe é ótima da cabeça, tá?

B - Como, se a Lua não chora?

C. Ela me contou que existe uma lenda sobre como nasceu o Rio Amazonas. Disse que o Sol e a Lua se apaixonaram, mas não podiam se casar, pois ou o amor ardente do sol queimaria a lua ou o choro frio da lua apagaria o sol. Assim, eles se separaram. No desespero da saudade, a Lua chorou durante todo um dia e toda uma noite e foram as lágrimas da lua que formaram o rio Amazonas.

B - Espera aí! Seu pai disse que água é molécula de oxigênio e de hidrogênio e sua mãe disse que é o choro da Lua! Não faz sentido!

D. É que nosso pai trabalha no laboratório e nossa mãe no teatro!

A - Nossa! Que confusão! Estou para ver uma aniversariante mais misteriosa.

CENA 14 - FESTA

A - Vamos fazer uma festa na sua casa, para comemorar o dia da água?

B - Faz na sua, ué...

A - Minha mãe não deixa.

B - E na minha não tem água.

A - Ah! A gente pode usar copos e pratos descartáveis.

B - Vai ser antiecológico, assim! A gente não pode produzir tanto lixo desnecessário.

A - Então a gente come com a mão!

B - Mas com a mão suja?

A - É... E beber água com a mão não ia ser nada fácil.

B - Não tem água nem pra lavar nem pra beber nem pra arrumar o cabelo...

A - Nem pra lavar a camisa. Tá bom. O jeito é torcer para chover. Enquanto isso, a gente foge da Pati!

CENA 15 - ALAGAMENTO

A - Porque você veio de galocha? Não está chovendo!

B - É para não molhar os pés.

A - Como assim?

B - Minha rua está alagada desde ontem a tarde.

A - Ixe! Por causa do temporal?

B - Meu pai disse que o alagamento é culpa de quem joga lixo na rua.

A - A sua rua está cheia d'água e sua casa está sem?



B - Pois é, vai entender... volta e meia isso acontece. E parece que ainda vem mais chuva.

CENA 16 - PISCINA SECA

A - É. Podia chover bem forte agora, né? O dia está tão quente!

B - Demais, acho que até o mar deve ter secado com tanto calor! A gente podia fazer um desejo pra fonte do desejo!

A - Fonte do desejo? Você não ficou sabendo?

B - O quê?

A - A fonte do desejo secou. Deve ter sido por causa do calor e da falta d'água.

B - Vai ver ninguém lembrou de desejar que a fonte do desejo que não secasse nunca...

A - Vai ver...

CENA 17 - BOLHINHAS DE SABÃO

A - Corre, Bibi! Vem ver!

B - Vivi, o que você está fazendo aí?

A - Ué, não está vendo?

B - Vendo eu estou, não estou entendendo.

A - É fácil! Você pega um copinho, pode ser qualquer um, põe um pouco de água e sabão, molha a ponta de um canudinho e sopra. Pronto! Viu?

B - Vivi, a mamãe já chegou e está procurando você feito uma louca!

A - Nossa! Já?

B - Já. E você aí, no mundo da lua, como sempre.

A - É que eu estava muito triste, Bibi. A minha melhor amiga não quer mais ser minha melhor amiga porque arranjou outra melhor amiga. Aí eu estava sentada quietinha no meu canto quando passou um garoto fazendo bolha de sabão e elas eram tão lindas! Já vii como elas mudam de cor quando bate o sol? E a felicidade voltou para mim, bastou um pouquinho de sabão num copinho d'água.

B - Ah, Vivi! Só você, mesmo! A mamãe chegou, vamos logo!

CENA 18 - SAÍDA

A - Sua mãe ainda não veio?

B - Não.

A - A minha também não.



B - Deve ser por causa desse aguaceiro. A rua para quando chove. Fica tudo mais lento.

A - Eu fico mais lento quando estou no banho. Minha mãe sempre diz que eu tô demorando e gastando água demais.

B - Quando estou na piscina eu também sinto tudo mais lento, mas aí é o tempo passa muito mais rápido. Mal entrei e já tenho que sair porque é tarde.

A - É...

B - É...

A - Sua mãe tá demorando mesmo, né?

B - Vai ver ela se molhou.

CENA 19 - O CICLO DA ÁGUA

A - Gente, gente! Notícia fresquinha! Hoje nós estudamos o ciclo da água na aula de ciências! E eu já sei ele de cor. Prestem atenção, seus cabeças de melão: o ciclo da água começa com o sol. Ele faz com que a água dos rios, oceanos e lagos aumente de temperatura e passe para o estado de vapor. Essa água se condensa na atmosfera e formando as nuvens.

*Um a um, outros estudantes vão se juntando
para formar uma ciranda.*

B - Que caem sob a Terra em forma de chuva!

C. Essa chuva sob a Terra forma os lençóis freáticos!

D. Os lençóis freáticos formam rios subterrâneos, que caminham em direção ao mar!

E. Mas essas águas também podem escorrer pelos topos dos solos, formando os rios e lagoas!

F. Esses rios desembocam no mar e o ciclo todo recomeça!

G. Mas precisamos de água para quase tudo que fazemos em nosso dia a dia. Essa água passa por um longo processo de tratamento. Muitos rios são canalizados, levando a água da chuva para estações de tratamento.

H. Lá, a água é tratada para a gente poder utilizá-la com segurança e higiene!

A - E se a gente cuidar direitinho, a água fica girando, girando, girando!

POT-POURRI DE CIRANDA

Fui no Tororó

Beber água não achei

Achei linda morena

Que no Tororó dexei



Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré
Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só peixe
Na enchente da maré
Ora palma, palma, palma!
Ora pé, pé, pé!
Ora roda, roda, roda,
Caranguejo peixe é!

A canoa virou
Pois deixaram ela virar
Foi por causa da Maria
Que não soube remar
Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar
Eu tirava Maria
Do fundo do mar

Como pode um peixe vivo
Viver fora d'água fria?
Como pode um peixe vivo
Viver fora d'água fria?
Como poderei viver?
Como poderei viver?



Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia.
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua, companhia.

FIM



NO TEATRO, A GENTE DIZ...

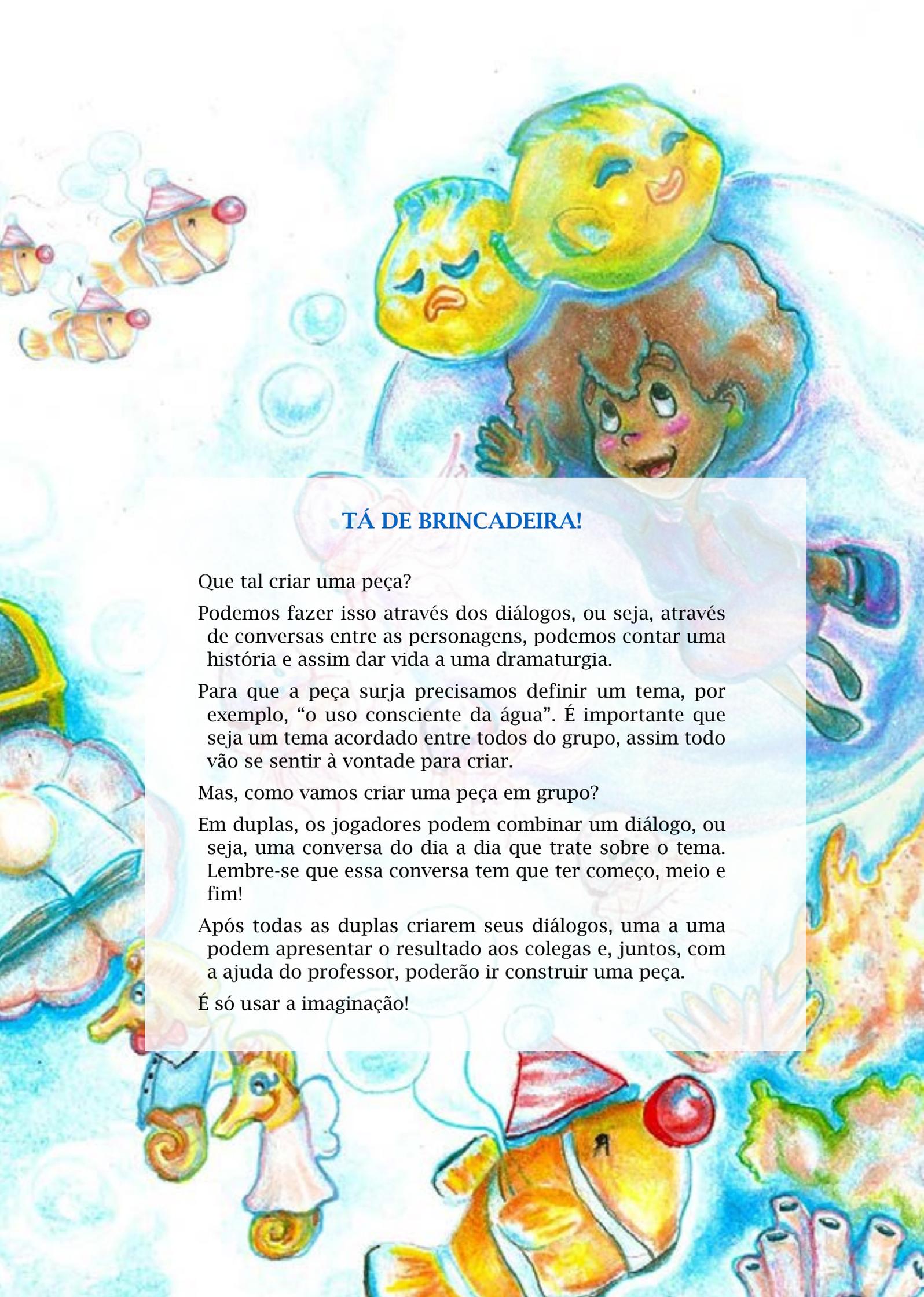
DRAMATURGIA

- Sabe quando a gente brinca de faz conta?
 - Sei.
- Sabe quando, na brincadeira, você combina com os amigos quem vai falar o que? Ou quem vai fazer o que?
 - Sei. Sem isso, a brincadeira nem funciona!
- No teatro é mais ou menos a mesma coisa. Dramaturgia é quando alguém escreve, inventando maneiras de contar uma história ou maneiras de inventar essa brincadeira de faz de conta, que é uma peça. Dramaturgia é uma organização, por escrito, de como a peça vai acontecer.
 - E como se chama quem escreve a peça?
 - Dramaturgo.
- Faz sentido. O nome desse inventa-tudo tinha mesmo que parecer palavra inventada!

NO TEATRO, A GENTE DIZ...

DIÁLOGOS

- Quando você acorda e alguém diz “Bom dia!” e você responde “Bom dia!”, temos um diálogo!
- E se alguém disser “Bom dia!” e eu responder “Não me enche, tô com sono!”?
- É falta de educação, mas também é diálogo. E numa peça, quando os personagens conversam, temos um diálogo cênico, que é a conversa que acontece dentro da peça para ajudar a contar a história. Um diz e outro responde.
 - Tipo a gente, agora?
 - Exato.
- Olha lá, hein! Não vai me pregar uma peça!



TÁ DE BRINCADEIRA!

Que tal criar uma peça?

Podemos fazer isso através dos diálogos, ou seja, através de conversas entre as personagens, podemos contar uma história e assim dar vida a uma dramaturgia.

Para que a peça surja precisamos definir um tema, por exemplo, “o uso consciente da água”. É importante que seja um tema acordado entre todos do grupo, assim todo vão se sentir à vontade para criar.

Mas, como vamos criar uma peça em grupo?

Em duplas, os jogadores podem combinar um diálogo, ou seja, uma conversa do dia a dia que trate sobre o tema. Lembre-se que essa conversa tem que ter começo, meio e fim!

Após todas as duplas criarem seus diálogos, uma a uma podem apresentar o resultado aos colegas e, juntos, com a ajuda do professor, poderão ir construir uma peça.

É só usar a imaginação!

FALA SÉRIO!

Você sabia que a água é de extrema importância para a vida no planeta Terra? Isso porque ela é um elemento essencial para a sobrevivência de todos os seres vivos. Todas as atividades do nosso dia-a-dia necessitam da água. Cozinhar, lavar, tomar banho... Sem contar que se não houvesse água nós não conseguiríamos viver!

Muitas pessoas acham que a água é um recurso infinito, ou seja, que nunca vai acabar, por isso não dão importância e acabam gastando muito. Mas não é bem assim! Todo nosso planeta é rodeado por água, cerca de 70% dele, mas apenas 2,5% é de água doce, a qual pode ser consumida. Se pararmos pra pensar bem, é muito pouco!

Com o grande aumento da população, dos avanços tecnológicos e indústrias a utilização da água está aumentando cada vez mais, e se não houver um consumo consciente, ela pode acabar. Já pensou como seria viver sem água? Por isso precisamos cuidar muito desse recurso tão precioso que é a água, para que ela não nos falte no futuro.



DIZ A LENDA

Pedro Amaral



RESUMO

Um Velho, descendente de índios, transmite ao seu neto a paixão que sente pelas águas, narrando-lhe algumas lendas que aprendeu ainda criança, na voz de seu próprio avô.

CENÁRIO

A casinha do Velho.

PERSONAGENS

Velho

Criança

Coro, formado por atores que simulam plantas, água, índios e bichos, e que ajuda o Velho a narrar suas lendas.



O coro dança, sugerindo a presença da água, e vai compondo uma roda, enquanto abre caminho para o Velho, que entra em cena lentamente, vestindo um manto bordado com desenhos e palavras que remetem ao universo indígena. O Velho traz ainda um chocalho em uma das mãos e, ao pescoço, um cordão do qual pende uma pedra azul. Uma vez acomodado, o Velho fica por um tempo a observar o seu chocalho.

Entra a Criança.

CRIANÇA - Oi, vô. Bom dia!

O Velho está vidrado em seu chocalho, como se estivesse em transe.

CRIANÇA - Vô, bom dia! O senhor está bem?

O Velho não responde. A Criança vai até bem perto do Velho e grita.

CRIANÇA - Vô!

O Velho toma um susto.

CRIANÇA - Bom dia, vô. O senhor está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame alguém?

VELHO (*ri*) - Não precisa! Bom dia, estou apenas distraído, hoje, pensando no meu avô...

CRIANÇA - No seu avô? Isso quer dizer no meu... no meu...

VELHO - No seu trisavô.

CRIANÇA - Isso! E o que tem ele?

VELHO - Ele era alguém muito especial.

CRIANÇA - Especial? Pelo quê? Ele foi presidente?

VELHO - Não.

CRIANÇA - Prefeito?

VELHO - Não.

CRIANÇA - Era rico?

VELHO - De certa forma, pode-se dizer que sim.

CRIANÇA - Como assim? Quem foi meu trisavô?

VELHO - Foi um índio.

CRIANÇA - Um índio? E o que isso tem de mais?

VELHO - Isso quer dizer que a riqueza dele era a natureza, as águas... (*como se lembrasse do passado, sorri*) Ai, como ele amava as águas!

O Velho aperta com força a pedra em seu cordão.



CRIANÇA – E o que é isso no seu pescoço?

VELHO – Isso era o amuleto dele. Quando eu o trago assim, comigo, é como se ele me abraçasse e me dissesse “Ame as águas, assim como eu as amei e lembre-se: elas são o bem mais precioso que existe no mundo.”.

O Velho vive um momento nostálgico, é possível ver a emoção em seus olhos, que estão prestes a derrubar uma lágrima. A Criança, sem saber como reagir, esboça uma leve risada.

CRIANÇA – Vô, hoje o senhor está muito estranho mesmo. O que é que tem de mais na água? Tá, eu sei que tem vários peixes que moram nela... Mas isso quer dizer que a água é importante para eles, não para mim.

O Velho fica pensativo diante da fala da Criança, mas logo volta a sorrir.

VELHO – Bem, acho que já está na hora de te contar algumas lendas do meu avô.

CRIANÇA – Tipo estórias?

VELHO – É, tipo histórias. Elas foram contadas para mim pelo meu avô e agora irei contar tudo para você. Começa assim...

O Coro, ouvindo a indicação do Velho, prepara-se para auxiliar na narração das lendas. Dividindo-se em muitas vozes, os atores do coro ora fazem música, dançam, ora representam os personagens das lendas que vão sendo narradas.

CORO – “A origem do Amazonas”.

VELHO – Diz a lenda que há muito, muito tempo, havia, na selva amazônica, um casal muito apaixonado que sonhava casar-se.

CORO – Ela vestia-se de prata, seu nome era Lua e era a dona da noite.

CORO – Ele vestia-se de ouro, seu nome era Sol e era dono do dia.

CORO – Havia, porém, um obstáculo: se eles se casassem o mundo se acabaria.

CORO – O amor ardente do sol queimaria a terra.

CORO – O choro da lua apagaria o fogo, mas inundaria a terra.

CRIANÇA – Mas se é assim, como poderiam viver juntos?

VELHO – Não podiam. Por isso, se separaram. A Lua chorou durante um dia e uma noite. Suas lágrimas caíram na terra, escorreram pelos morros e chegaram ao mar. Mas o mar não queria aceitar tanta água e esbravejou. Então, por encanto, as lágrimas da lua escavaram um imenso vale e um grande rio surgiu, o rio Amazonas.

A Criança arregala os olhos, de surpresa.

CRIANÇA – Não para de contar! Tem mais, né? Diz que sim...



VELHO - Que bom que você está gostando. Tem mais, sim. Deixe-me pensar qual será a próxima... Já sei.

CORO - “A índia que virou sereia”.

VELHO - Diz a lenda que Iara era uma belíssima índia, trabalhadora e corajosa. Iara se destacava entre as demais, por ser a melhor em tudo o que fazia e, conseqüentemente, despertava a inveja de alguns da tribo, especialmente a de seu irmão, que não se conformava com tal situação.

CORO - O pai de Iara também a admirava muito, contribuindo ainda mais para a revolta do irmão.

CORO - Tomado pela inveja e pelos ciúmes, o irmão de Iara decide, então, matá-la.

CORO - Certa noite, quando Iara repousava em sua cama, ouviu seu irmão entrando na cabana para atacá-la.

CORO - Rápida e guerreira, ela se defendeu e acabou machucando o irmão. Percebendo a gravidade da situação e com medo da atitude de seu pai, Iara fugiu desesperadamente pelas matas.

CORO - O pai de Iara realizou uma busca implacável pela filha. Quando a encontrou, estava tão bravo que a jogou no encontro do Rio Negro com o Rio Solimões. Os peixes e as águas ficaram muito tristes com aquilo tudo, e trouxeram de volta à superfície o corpo de Iara, que, sob o reflexo da lua cheia, transformou-se em uma linda sereia, com cabelos longos e olhos verdes.

VELHO - Desde então, Iara permanece nas águas, atraindo os homens maus de maneira irresistível. Acredita-se que, em cada fase da lua, Iara aparece com escamas diferentes e que ela adora deitar-se sobre os bancos de areia dos rios, para brincar com os peixes. Dizem que é vista penteando seus longos cabelos com um pente de ouro, mirando-se no espelho das águas.

CRIANÇA - Ela deve ser muito linda mesmo...

VELHO - Sim! E além de linda é uma grande guerreira!

CRIANÇA - Não pare agora, vô!

*O Velho ri e aperta outra vez a pedra
azul que pende em seu cordão.*

VELHO - Vou contar mais uma, então.

CORO - “A pedra que já foi gente.”

VELHO - Diz a lenda que existia um menino e que seu nome era Iapinari. Iapinari nasceu com algo de diferente dos outros índios...

CRIANÇA (*interrompendo*) - O quê, vô?

VELHO - Iapinari nasceu com os olhos fechados, não podia enxergar nada e isso o deixava muito triste. Sua mãe também ficou muito triste.



CORO - Um dia Iapinari disse para sua mãe que queria conhecer o rio.

CORO - E sua mãe, então, o levou! Chegando lá, ele entrou na água e se sentiu muito bem. Toda a tristeza que ele tinha por não poder enxergar tinha passado. Mas, quando ele saiu da água, Iapinari voltou a ficar triste. E era sempre assim, quando ele estava na água ficava feliz e, quando saía, ficava triste.

CORO - Então, a mãe de Iapinari teve uma ideia... Certa noite, ela deixou Iapinari dormindo e foi até o rio. Lá, ela pediu ao rio para que seu filho fosse sempre feliz. Uma mulher feita de água apareceu no rio e lhe disse...

CORO (*como Mulher feita de água*) - Eu posso ajudar. Gosto muito de Iapinari e quero que ele seja muito feliz. Eu farei ele enxergar, mas, como condição, você nunca poderá contar para ninguém que uma mulher feita de água fez seu filho enxergar. Se você contar para alguém, seu filho se transformará em uma grande pedra do meu rio.

CORO - Quando Iapinari acordou, tomou um grande susto, pois estava vendo tudo. E sua mãe ficou muito feliz com o feito. Durante anos, Iapinari foi feliz enxergando tudo: as árvores, os rios, os mares...

CORO - Mas só que um dia, sua tribo foi invadida por viajantes, que estavam capturando os índios e os obrigando a trabalhar até ficarem exaustos.

CORO - A mãe de Iapinari, desesperada para salvar seu filho dos cruéis viajantes, gritou para que todos ouvissem:

CORO (*como Mãe de Iapinari*) - Uma mulher feita de água fez o meu filho enxergar!

VELHO - Iapinari desapareceu como num piscar de olhos e, depois, reapareceu como uma pedra no rio, uma pedra grande e muito bonita. E, desde então, todas as vezes que os índios precisavam de esperança para vencer os invasores, eles iam até a pedra e gritavam:

CORO - Uma mulher feita de água fez meu filho enxergar!

CRIANÇA - Mas, como assim? Iapinari virou pedra? Não gostei desse final!

VELHO - Por quê? Ele ficava feliz quando estava na água. Agora, ele está para sempre na água, sendo muito feliz e servindo de esperança para seu povo.

CRIANÇA - Tem razão. Não tinha pensado nisso.

VELHO - Então, pronto para a última lenda?

A Criança aquiesce.

VELHO - Essa lenda é a que se chama de...

CORO - "O mergulho de Naiá."

VELHO - Diz a lenda que a lua era uma deusa que, ao aparecer na noite, beijava e enchia de luz os rostos das mais belas índias da aldeia. Sempre que ela se escondia atrás das montanhas, atraía para si as moças de sua



preferência e as transformava em estrelas no céu. A guerreira Naiá vivia sonhando com este encontro e mal podia esperar pelo grande dia em que seria chamada pela Lua.

CORO - Os anciãos da tribo alertavam Naiá.

CORO (*como Ancião*) - Depois de seu encontro com a sedutora Lua, as moças tornando-se luz, viram as estrelas do céu e nunca mais podem voltar.

VELHO - Mas, ninguém podia impedir Naiá. À noite, ela perambulava pelas montanhas atrás da Lua, sem nunca alcançá-la. Todas as noites eram assim e a jovem índia sempre sonhava com esse encontro, sem nunca desistir

O Coro forma a imagem de um lago.

CORO - Um dia, tendo parado para descansar à beira de um lago, Naiá viu em sua superfície a imagem da deusa amada: a Lua refletida em suas águas. Ficou tão feliz, que se lançou ao fundo e se afogou.

CORO - A Lua, compadecida, quis recompensar o sacrifício da jovem índia e resolveu transformá-la em uma estrela, mas uma estrela diferente de todas outras que brilhavam no céu. A lua transformou-a, então, numa “Estrela das Águas”, única e perfeita, que é a planta vitória régia.

O Coro faz surgir, no centro do lago, uma vitória régia.

VELHO - Assim, nasceu uma linda planta, cujas flores perfumadas e brancas só abrem à noite e que, ao nascer do sol, ficam rosadas. Embaixo dela peixes podem repousar, na água fresquinha, longe dos olhos dos pescadores e, o que é mais importante...

CRIANÇA - Fala, vô! O que é o mais importante? Fala!

CORO - Fala!

VELHO - O mais importante é que embaixo da vitória régia os peixes e sapos podem colocar seus ovos. Assim, enquanto houver a vitória régia, haverá peixes e sapos no mundo. Pequenos e bonitinhos, como você!

*O Velho faz um carinho na cabeça da criança,
e os dois riem e se abraçam.*

VELHO - E, então? O que achou das lendas do meu avô, do seu trisavô?

CRIANÇA - Vô, eu nunca mais eu vou conseguir olhar para a água do mesmo jeito, nem uma pequena pocinha será como antes.

VELHO - Fico muito feliz de ouvir você falando assim.

O Velho tira o cordão do pescoço e o põe no pescoço da Criança e fecha-lhe os olhos.

VELHO - Ame as águas, assim como eu, e lembre-se: elas são o bem mais precioso que existe no mundo.



A Criança abre os olhos e faz menção de falar alguma coisa, mas o Velho a interrompe.

VELHO - Não diga nada. Apenas sinta...

O Coro recebe a Criança e dançam com ela, sugerindo um passeio pelas águas, enquanto o Velho observa a tudo emocionado. Quando a dança termina, o velho toca o chocalho e diz:

VELHO - E assim vivem e sobrevivem as lendas, passadas de geração em geração. É preciso que cada um de nós deixe o rio fluir e o mar dançar livremente, para que novas lendas possam escoar pelas nossas vidas.

CRIANÇA - Diz a lenda!

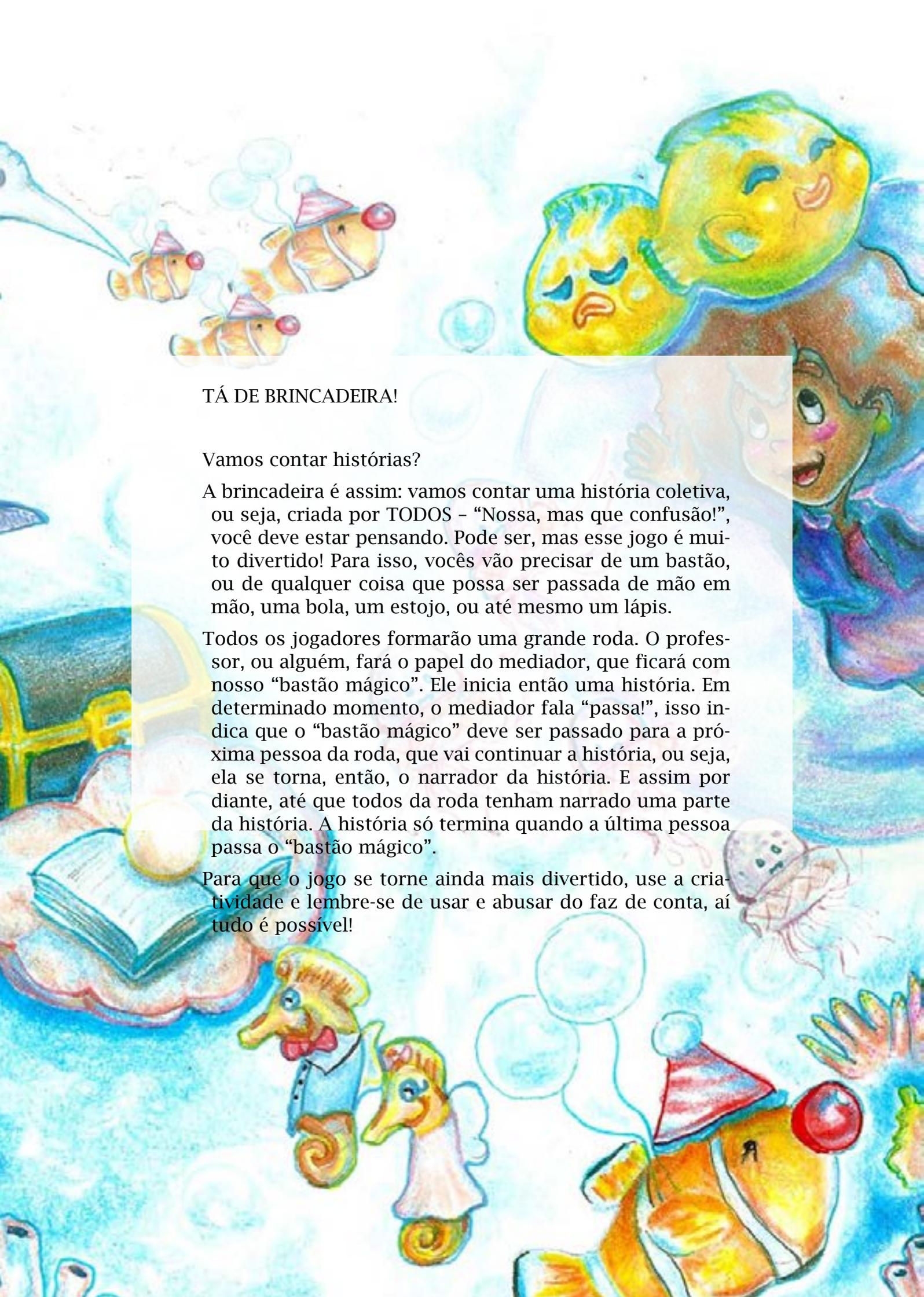
FIM



NO TEATRO, A GENTE DIZ...

NARRAÇÃO

- Qual o melhor jeito de começar a contar uma história?
- Eu gosto de “Era uma vez, num reino muito distante...”
 - Eu prefiro “Há muito, muito tempo...”
 - Que tal assim: “Diz a lenda que...”?
- Também gosto. O jeito que a história começa pode ser algo que a gente conhece bem, mas o que acontece e como ela termina, só ouvindo pra saber, né? No teatro, quando alguém fala assim, contando uma história dentro da história, a gente diz que é uma narração. O ator que faz a narração é o narrador.
 - Narra uma história para mim?
 - Você primeiro!



TÁ DE BRINCADEIRA!

Vamos contar histórias?

A brincadeira é assim: vamos contar uma história coletiva, ou seja, criada por TODOS - “Nossa, mas que confusão!”, você deve estar pensando. Pode ser, mas esse jogo é muito divertido! Para isso, vocês vão precisar de um bastão, ou de qualquer coisa que possa ser passada de mão em mão, uma bola, um estojo, ou até mesmo um lápis.

Todos os jogadores formarão uma grande roda. O professor, ou alguém, fará o papel do mediador, que ficará com nosso “bastão mágico”. Ele inicia então uma história. Em determinado momento, o mediador fala “passa!”, isso indica que o “bastão mágico” deve ser passado para a próxima pessoa da roda, que vai continuar a história, ou seja, ela se torna, então, o narrador da história. E assim por diante, até que todos da roda tenham narrado uma parte da história. A história só termina quando a última pessoa passa o “bastão mágico”.

Para que o jogo se torne ainda mais divertido, use a criatividade e lembre-se de usar e abusar do faz de conta, aí tudo é possível!

FALA SÉRIO!

Pirâmides, faraós, deuses, deserto e muita água: o Egito antigo.

Mas no Egito antigo tinha muita água?

A resposta é sim! No antigo Egito, a grande civilização que conhecemos, nunca teria existido sem as águas do Rio Nilo, que fecundou o solo em torno dele com a sua lama fértil liberada durante suas cheias sazonais. Na Mesopotâmia os Rios Eufrates e Tigre exerceram influência semelhante, assim como na China, com o Rio Amarelo; na Índia, os cursos dos Rios Indo e Ganges; na Indochina, o Rio Mekong e assim por diante.

É fato que a presença da água em determinadas regiões impulsionaram o desenvolvimento de grandes civilizações humanas, isso porque através dela foi possível o desenvolvimento da agricultura e da pesca, promover o transporte através de navegações, além de oferecer condições básicas – como a água potável – para a manutenção dessas comunidades.

Mas e no Brasil?

No Brasil existem rios que foram fundamentais para o desenvolvimento de nosso país, como por exemplo, o Rio Amazonas e Rio São Francisco. Às margens desses rios estão comunidades, chamadas ribeirinhas, que por muito tempo tiveram o rio como único meio de subsistência, pois através dele é que elas obtinham água para beber, cultivar suas plantações, pescar, dentre outras tarefas.

Por isso é comum ouvirmos muitas lendas sobre as águas dos rios, ou ainda, sobre criaturas míticas, como a Iara ou o Boitatá, que seriam responsáveis pela proteção do rio. Isso se dá ao importante papel que esses rios, e outros, tiveram no desenvolvimento cultural, econômico e social do Brasil.



O MENINO RIO

Raíra Rosenkjar



Ilustrações de Isadora Madsen

RESUMO

Papai Senhor Prefeito e Mamãe Senhora Cidade estão preocupados com o comportamento do filho do casal, o MENINO RIO - O garoto anda muito rebelde, não obedece aos pais e transborda o tempo todo. Papai Senhor Prefeito, então, toma a decisão de canalizar o MENINO RIO - Entretanto, vendo a tristeza do filho, Mamãe Senhora Cidade, com a ajuda da Vó Floresta, ajudam o Menino Rio a transbordar novamente, em companhia dos seus amigos, Menina Chuva e Trovão.

CENÁRIO

Apartamento do Menino Rio, na cidade, e casa da Vó Floresta, no mato.

PERSONAGENS

Menino Rio

Papai Senhor Prefeito

Mamãe Senhora Cidade

Menina Chuva

Trovão

Vó Floresta

Terra



CENA 1 – ONDE VIVE O RIO, A CIDADE E O PREFEITO

O Papai Sr. Prefeito e a Mamãe Sra. Cidade tomam chá.

PAPAI SENHOR PREFEITO – Olha ali, o Menino Rio já tá transbordando de novo.

MAMÃE SENHORA CIDADE – É normal nessa idade.

PAPAI SENHOR PREFEITO – Mas ele tem que entender que não pode ficar transbordando assim, à toa. Aqui não é a casa da avó dele. Como eu vou fazer agora para solucionar isso? Toda vez que esse Rio transborda enche de gente pra reclamar.

MAMÃE SENHORA CIDADE – O problema é que ele tem pouco espaço para escoar. Quem sabe se a gente diminuir um pouquinho essa parte cimentada, botar terra, planta, árvores...

PAPAI SENHOR PREFEITO – Ora, que grande ideia! Aí podemos aproveitar e voltar todos para aquela selva que é onde sua mãe, a Sra. Floresta, vive, que tal? Lá tá cheio de espaço, dá pra transbordar a vontade. Mas e a gente? E a nossa vida? Cidade, você sabe que somos urbanos, essa história de campo já foi ultrapassada. Só me faltava abandonar aqui, a globalização, pra fazer a vontade de um menino que não sabe controlar quando transborda.

MAMÃE SENHORA CIDADE – Prefeito ele é só um menino.

PAPAI SENHOR PREFEITO – Então vai ter que aprender a virar Homem e a se controlar para viver na civilização.

MAMÃE SENHORA CIDADE – Você não tá pensando em canalizá-lo, né?

PAPAI SENHOR PREFEITO – Claro! É a decisão mais prudente.

MAMÃE SENHORA CIDADE – Mas ele ainda é muito novo, tem que ter outro jeito...

PAPAI SENHOR PREFEITO – Cidade, olha lá fora, tá tudo um caos porque nosso filho resolveu transbordar de novo. É sempre assim quando ele vai brincar com essa tal de chuva.

CENA 2 – UMA CONVERSA NÃO CANALIZADA

MENINO RIO – Chuva!

MENINA CHUVA – Opa!

MENINO RIO – Meus pais tão querendo me canalizar.

MENINA CHUVA – Que?! Que ideia é essa de “canalizar”? Você tá biruta ou é febre mesmo?

MENINO RIO – Devo estar maluco...

MENINA CHUVA – Ih!

MENINO RIO – É por isso que eles querem me canalizar.



MENINA CHUVA – Vai me explicar o que é esse tal de “canalizar” ou só vai ficar agitado mesmo?

MENINO RIO – Canalizar é quando te colocam num lugar, assim, bem apertadinho, apertadinho mesmo, aí você passa a correr sem poder olhar para os lados, não dá mais para brincar em outros lugares. Meu pai disse: “Rio, é impossível conviver com você transbordando assim, todo tempo, em todo lugar, isso é loucura. Temos que tomar medidas drásticas, é necessário que você seja canalizado!” Aí minha mãe completou “É coisa temporária, Rio”. Eles falaram que vão me canalizar, para eu aprender a viver na globalização.

MENINA CHUVA – Como é que você já tá vivendo aqui, na globalização, se não sabe viver na globalização?

MENINO RIO – Aí eu não sei.

MENINA CHUVA – Então como é que a gente fica, hein, Sr. Sabichão? A gente nunca mais vai poder brincar?

MENINO RIO – Aí também não sei.

MENINA CHUVA – Seus pais é que tão precisando se canalizar.

MENINO RIO – Não fala assim dos meus pais! Meu pai, o Sr. Prefeito, é o homem mais poderoso do mundo e minha mãe, a Sra. Cidade, é enorme. Mas, se eu não confundi tudo, minha mãe disse que eu tenho um espírito muito antigo, muito mais que o dela e que o de meu pai, por isso é difícil para os outros me entenderem.

MENINA CHUVA (*rindo*) – Hoje você tá com cada ideia... Quero ver se com toda essa agitação você consegue correr rápido. Tá com você!

TROVÃO (*chegando de repente*) – Também quero brincar.

O Menino Rio, a Chuva e o Trovão começam a brincar de pega-pega. Ouvem-se sons de tempestade e o Menino Rio começa a transbordar.

CENA 3 – A CIRANDA DA MENINA CHUVA

MENINA CHUVA – Oi, Senhora Cidade! Queria saber se o Menino Rio pode sair para brincar.

MAMÃE SENHORA CIDADE – Ah, Chuva, ele foi canalizado ontem.

Sai a Mamãe Senhora Cidade. Menina Chuva, impressionada, procura por toda parte, até que encontra o Menino Rio, apático, preso pela canalização. Menina Chuva tenta chover um pouquinho no Rio.

MENINA CHUVA – Ei, Rio!

Menino Rio não reage.

MENINA CHUVA – Ô, Rio.

Menino Rio não reage.



MENINA CHUVA - Rio! Rio! Rio! Rio! Tô falando contigo!

Menina Chuva insiste em chamar a atenção do Menino Rio, mas, canalizado, Menino Rio nem olha para sua amiga.

MENINA CHUVA - Tá com você!

Por mais que a Menina Chuva tente chamar e puxar Menino Rio para o jogo, ele parece não enxergar ninguém.

MENINA CHUVA - Rio, aqui, vamos brincar de roda (*canta*): Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é, caranguejo só é peixe na enchente da maré.

Menina Chuva pede ajuda às crianças da plateia para brincar de roda e despertar o Menino Rio.

MENINA CHUVA E CRIANÇAS -

Olha palma, palma, palma

Olha pé, pé, pé

Olha roda, roda, roda

Caranguejo peixe é

Caranguejo não é peixe

Caranguejo peixe é

Caranguejo só é peixe

Na enchente da maré

Menino Rio, ouvindo o chamado das crianças e da Menina Chuva para brincar, começa a entrar na ciranda e volta a encher, mas quando está perto de transbordar, a canalização volta a tapar sua visão e o tira da brincadeira.

Menino Rio, triste, se despede da Menina Chuva e das Crianças.

CENA 4 - DO FILHO NASCERAM OS PAIS

MAMÃE SENHORA CIDADE - Trouxe água pra você.

MENINO RIO - Mãe, não é só água que me alimenta. Vocês falaram que me canalizar ia ser bom para mim, mas eu não tô achando, mãe. Eu não entendo. Por que eu não posso transbordar? Brincar. A vovó sempre fala que é bom, que no dia seguinte é só olhar para a minha margem e ver a felicidade das plantas, das árvores e da terra que de tão tranquila chega a ser fofinha.

MAMÃE SENHORA CIDADE - Meu filho, olha para as suas margens. O que é que você vê nelas?

MENINO RIO - Cimento, ali tem algumas casas, um pouquinho mais longe passam alguns carros, tem aquele prédio do outro lado, que dizem que chama "rodoviária".



MAMÃE SENHORA CIDADE - Não tem terra meu filho, não tem planta, não tem para onde você escoar. Se você transborda aqui, mata as crianças que vem brincar com você.

MENINO RIO - As crianças que vem brincar comigo, mãe? Então é melhor me canalizar mesmo, não quero matar ninguém, muito menos as crianças que vêm brincar comigo.

MAMÃE SENHORA CIDADE - Antes de mim e do papai veio você. Eu morava na Vó Floresta e era muito difícil. Sua avó pode ser muito legal, mas antes de ser avó era uma mãe muito rígida. Em baixo da copa das árvores dela eu não conseguia ter espaço para crescer e tive que viajar por muito, muito, muito tempo até que encontrei você. Eu cresci às suas margens, ali construíram as primeiras casas, quando nem carro nem rodoviária existiam. Eu ia crescendo e você, meu filho, ia me alimentando. Mas tudo era um caos, as pessoas faziam o que queriam, não tinha nenhuma ordem, quem queria pegava sua água, despejava em você o que quisesse, como quisesse, não existiam regras, parecia que não havia respeito. Até que chegou seu pai e prometeu cuidar de você e de mim. Com ele eu poderia crescer e você brincar tranquilo. Seu pai tem o poder de decidir para onde a gente vai, mas ele não existe sem a gente. É por isso que te digo, você tem um espírito muito antigo, veio antes de mim, veio antes do seu pai, só não se lembra dessas coisas porque é menino ainda e menino passa tanto tempo correndo, que tem lembranças que se perdem na correnteza e viram esquecimentos.

MENINO RIO - Você é minha mãe, mas eu sou mais antigo que você e que o papai?

MAMÃE SENHORA CIDADE - Sim. Eu e seu pai viramos seus pais porque estávamos aqui, parados, no mesmo lugar, crescendo. A cada dia eu fico maior e seu pai mais poderoso, mas nós nunca saímos daqui, aqui sou construída, aqui seu pai enriquece. Você, menino, não para em nenhum lugar, enche e esvazia, vive brincando e quem vive brincando é menino. Por isso somos seus pais, para cuidar de você, te ensinar a viver na globalização, garantir que você seja grande o bastante para poder brincar na casa das pessoas e pequeno o suficiente para não matar ninguém e ninguém vir reclamar.

MENINO RIO - Que loucura hein, mãe? Com todo respeito, mas acho que minha amiga Chuva tem razão, você e o papai tão precisando de uma canalização. Tão birutinhas!

CENA 5 - QUANDO A CIDADE ENFRENTA O PREFEITO

PAPAI SENHOR PREFEITO - Cadê o Rio?

MAMÃE SENHORA CIDADE - Ele tava muito fraquinho, falei pra correr pro outro lado e ir passar um tempo na casa da minha mãe.

PAPAI SENHOR PREFEITO - Mas assim não dá! Não é época de ir para a Vó Floresta. Com qual autonomia você decidiu tomar essa brilhante decisão? E sem me comunicar... E as responsabilidades dele para com a civilização?



O que é que você estava pensando, Cidade? O Rio correu para o outro lado. Você sabe que essa sua historinha vai decretar nosso fim, né?

MAMÃE SENHORA CIDADE - Pode ser.

PAPAI SENHOR PREFEITO - Pode ser? Como assim “Pode ser?”. Agora você endoidou de vez mesmo. Vou te lembrar algumas coisas: antes de eu aparecer por aqui você estava se acabando sozinha, não existia ordem, não existia progresso. Eu vim para cuidar de você, para te fazer crescer, mas isso é impossível com você decidindo coisas sozinha, sem nem me comunicar.

MAMÃE SENHORA CIDADE - Com o Rio fraco, você não ia conseguir fazer nada, deixa o menino correr um pouco. Logo, logo ele volta.

PAPAI SENHOR PREFEITO - Garanto para você que consigo fazer mais coisa com o Rio fraco do que sem o Menino Rio com o Rio fraco, a gente inventa um volume morto, dá um jeito, agora, sem o Rio, o que é que eu faço? Você está tranquila porque não é você que tem que ouvir a população, né? Vou só te avisar, se essas pessoas ficarem enfurecidas, elas acabam com você e são capazes de ir lá na Floresta atrás do Rio.

MAMÃE SENHORA CIDADE - Eu te disse desde o começo que essa ideia de canalizar desse jeito, não era boa. Como é que o Rio vai correr por baixo da terra? Sem ver o sol? Não dá pra canalizar de outro jeito?

PAPAI SENHOR PREFEITO (*rindo*) - Essa é boa, agora você quer opinar sobre a minha gestão.

MAMÃE SENHORA CIDADE - Quero sim, quero mesmo, quero porque vejo o Rio ficando fraquinho e isso não é cuidar. Combinamos que ia ser temporário, mas não vejo você buscando saídas, uma outra solução. O Rio é meu filho, foi o menino que cuidou de mim, foi com a água do Rio que nós pudemos construir esse tanto de concreto aí em volta, eu não vou abandonar meu filho até vê-lo secar, se você está disposto a isso eu falo: você está sendo um incompetente.

PAPAI SENHOR PREFEITO - Vamos lá, então, Sra. Grande Gestora, o que você me sugere?

MAMÃE SENHORA CIDADE - Eu sugiro que você comece a tratar o esgoto antes de devolvê-lo ao Rio, que tal? Que quebre esse túnel e deixe-o correr vendo o sol.

PAPAI SENHOR PREFEITO - Não temos essa tecnologia e não vou gastar tempo de mandato desenvolvendo uma coisa para que depois outro se gabe.

MAMÃE SENHORA CIDADE - Então, que tal recolher a água da chuva e tratá-la para o uso das pessoas? Tipo, para descargas, máquinas de lavar... Só isso, bem simples, não seria possível? Podíamos aumentar a vegetação nas margens do Rio, nos jardins. O Rio gosta de brincar de esconde-esconde com a Terra, não de ficar pra sempre escondido na Terra.



PAPAI SENHOR PREFEITO - E dinheiro, querida? Você vai tirar de onde? Do bueiro?

MAMÃE SENHORA CIDADE - A cada sugestão minha você já vem com mil argumentos e você tá errado. Eu sei que existem outras formas de cidades e de canalização, a amiga do Rio, a Chuva, me contou. Não pensa que só porque estou aqui, parada, não sei do que acontece. Você faz comigo e com o Rio o que quer, só está interessado em enriquecer, nem liga se a gente está bem ou não.

PAPAI SENHOR PREFEITO - A única verdade aqui é que você não sabe nada de administração pública, então trate de dar um jeito de trazer esse seu filho de volta.

CENA 6 - USE SEU INSTINTO SELVAGEM PARA LER

*Menino Rio, transbordando, dá um abraço gostoso em Vó Floresta e ela o acolhe, deixando Menino Rio se aninhar em seus braços.
Ali, perto deles, está a Terra, já velhinha.*

MENINO RIO - Vó, o que você faz se te prenderem?

VÓ FLORESTA - Faço crescer um carvalho para derrubar as paredes.

MENINO RIO - Essa é boa, ninguém pode com você. Vamos brincar com a Terra?

VÓ FLORESTA - Vamos.

Vó Floresta e Menino Rio surpreendem a Terra e todos brincam juntos, por algum tempo, até que param para descansar.

MENINO RIO - Ufa! Hoje deu até pra cansar, hein? Como é que você consegue ser tão boa nessa brincadeira?

A Terra fala ensimesmada, misturando, de um jeito bem estranho, português com palavras em língua de índio, sem que ninguém a entenda muito bem.

TERRA - Eu abaçaí.

Rio vai abraçar a Terra, que se retrai inteira.

MENINO RIO - Você não pediu pra eu te abraçar?

TERRA - Nhnt! Abacaí, seu expert. Se esfregá sai gênio.

MENINO RIO - Terra, você é muito diferente do Cimento, não entendo nada do que você diz. Acho que ninguém te canalizou, né? Mas com você dá pra brincar de esconde-esconde. O Cimento é sério. Quando eu peço para brincar comigo ele diz: "Não posso! Ô, fusquinha vermelhinho onde é que você vai com tanta pressa? O limite é sessenta quilômetros. Tá atrasado, é, meu amor?".

TERRA - Cimento nhá ayaira. Eu anhanguera.



MENINO RIO – Ih! Esse Anhanguera aí é nome de um pedaço de Cimento, lá perto de casa.

VÓ FLORESTA – Meu filho, você não acha que agora já é hora de voltar?

MENINO RIO – Ah, Vó Floresta, por favor, só mais um pouquinho. Juro que me comporto muito bem, igual um rio crescidinho.

VÓ FLORESTA – Não é isso. É que, lá na civilização, o Menino Rio tem responsabilidades.

MENINO RIO – Mas, vó, pensando bem, se é assim, o melhor é eu não voltar, não. Como é que vocês vão viver sem mim? Acho melhor ficar por aqui mesmo, com as plantas e animais.

VÓ FLORESTA – Você vindo aqui na época certa e passando três meses é suficiente. A gente consegue viver num período de seca, faz parte da vida. Na seca as coisas morrem, eu limpo o quintal, preparo o espaço pra você chegar, aí você vem e traz a vida. As flores voltam a nascer e tudo que é animal e planta corre pra vir te ver, a gente fica feliz, mas só fica feliz porque antes ficou triste. Lá, com a sua mãe, as coisas não são assim, falta espaço pra tristeza escoar e se a tristeza não escoar não dá pra ter felicidade, mas a felicidade, também, é igual a você e a mim: se a gente tenta prender ela dá um jeito de sair, porque, como você, a felicidade quer correr, quer brincar.

MENINO RIO – Vó, conta como eu nasci?

VÓ FLORESTA – Depois a gente conversa. Hoje nós brincamos além da conta. Sua Vó Floresta e a Terra são velhinhas, precisamos descansar.

Vó Floresta e terra se preparam para descansar.

MENINO RIO – Ah, vó, por favor, conta!

VÓ FLORESTA – Isso eu não sei, Menino Rio. Foi há muito, muito, muito tempo.

MENINO RIO – Muito tempo quando?

VÓ FLORESTA (*bocejando*) – Você nasceu junto comigo.

MENINO RIO – Com você?

VÓ FLORESTA – Comigo...

MENINO RIO – Mas como, com você?

Vó Floresta e Terra já estão dormindo.

MENINO RIO – Vó? Vó?

Vó Floresta ronca, enquanto dorme.

MENINO RIO – Puxa, se isso for verdade, sou velho à beça!



CENA 7 – NO FINAL É TUDO BRINCADEIRA

PAPAI SENHOR PREFEITO – Onde é que você tava?

MENINO RIO – Na Vó Floresta.

PAPAI SENHOR PREFEITO – Fora de época? Você pode me dizer com ordem de quem? Esqueceu das suas responsabilidades?

MENINO RIO – Avisei a mamãe.

PAPAI SENHOR PREFEITO – Então, avisa “à mamãe” que vamos reforçar o sistema de canalização e garantir que as barragens estejam ainda mais firmes. Aí quero ver você ficar escapando. E pode desistir de ver o sol, vai ser um prisioneiro aqui da civilização.

MENINO RIO – Eu não vou mais ficar preso, eu vou brincar, vou lá fora, agora, com meus amigos, e se eu transbordo e machuco as pessoas a culpa é sua que não cuidou delas, não cuidou de mim nem da mamãe. Você é um incompetente, pai! Onde já se viu não deixar nenhum espaço para um rio escoar? Todo mundo sabe que criança gosta de brincar. E é isso que eu vou fazer agora!

PAPAI SENHOR PREFEITO – Não vai nada!

Papai Senhor Prefeito prende o Menino Rio sob um monte de cacarecos.

PAPAI SENHOR PREFEITO – Isso é para você aprender, rapazinho!

Sai Papai Senhor Prefeito; Menino Rio tenta se libertar, mas não consegue.

MENINO RIO – Chuva, Trovão! Chuva, Trovão, venham cá! Preciso da ajuda de vocês!

Entram Menina Chuva e Trovão.

MENINA CHUVA – Ouviu a voz do Rio?

TROVÃO – Ouvi!

MENINA CHUVA – Onde ele está?

MENINO RIO – Chuva, Trovão, estou aqui!

TROVÃO – Chuva, acho que ele está ali embaixo.

MENINO RIO – É, tô aqui.

MENINA CHUVA – Como é que você foi parar aí?

MENINO RIO – Isso não importa agora. Lembra daquela música da roda? Canta de novo para mim!

MENINA CHUVA –

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.



MENINO RIO - Canta mais alto!

MENINA CHUVA - Mais alto? Vou precisar de ajuda!

Menina Chuva e Trovão convocam a plateia para fazer uma ciranda e, quando estão cantando bem forte, o Menino Rio se liberta de sua prisão, para o aplauso de todos.

MENINO RIO - Na brincadeira de roda, até o cimento amolece, deixando que flores brotem e que o rio possa escoar. Na cidade, que antes era só concreto, surgirá um grande jardim, para o rio transbordar, escoar, correr, brincar, ser feliz e até chorar!

Menino Rio entra com todos os demais na ciranda.

FIM



NO TEATRO, A GENTE DIZ...

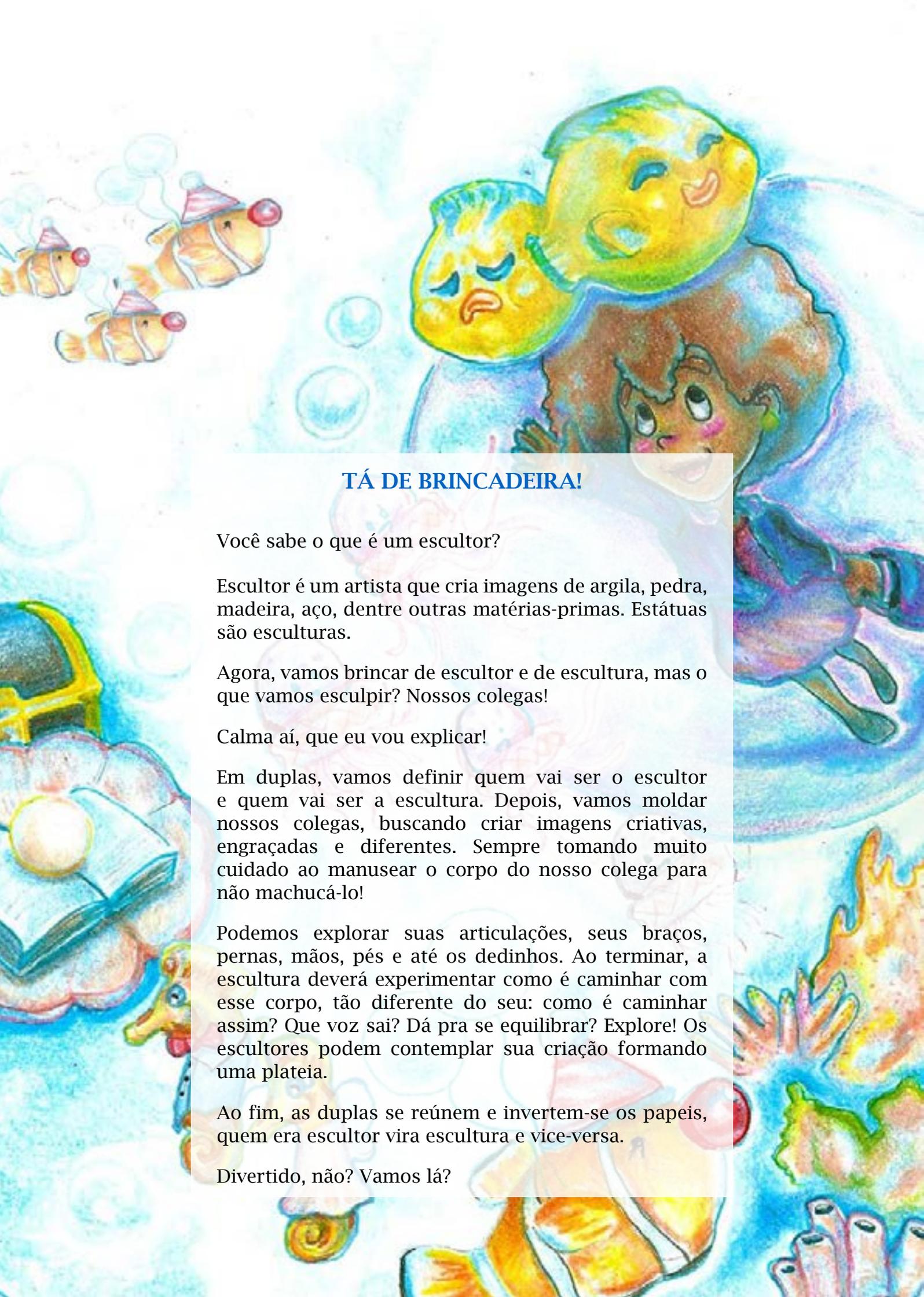
CORPO CÊNICO

- Já tentou andar feito adulto?
- Já, mas cansa.
- Já tentou andar feito cachorro ou feito gato?
- Já, é bem mais divertido.
- No teatro, quando a gente finge ser outro, o nosso corpo também muda. A gente chama isso de corpo cênico. Às vezes o corpo cênico é o corpo da gente mesmo, mas fingindo estar em outra situação. Por exemplo, se a gente está com sono ou numa festa de aniversário, nosso corpo se comporta de maneiras diferentes, certo?
- Certo. Entendi tudo e quero te propor um desafio.
- Qual?
- Andar feito um cachorro-gato adulto, com sono, numa festa de aniversário!
- Haja corpo cênico...

NO TEATRO, A GENTE DIZ...

VOZ CÊNICA

- Já te falei da voz cênica?
- Não.
- É a voz que a gente inventa para a nossa personagem. Afinal, a voz ajuda a gente a contar a história. É feito o figurino ou a maquiagem.
- Mas minha voz de verdade é tão bonita...
- Por isso mesmo! Vai que seu personagem é uma bruxa malvada? Fica mais divertido se você fizer uma voz diferente, bem feiosa, sombria e misteriosa...
- Fiquei com medo!
- Da voz da bruxa?
- Não, de depois de fazer a voz cênica, esquecer qual é a minha voz de verdade!
- Isso nunca acontece. Brincadeira é brincadeira e, quando acaba a brincadeira do teatro, a voz cênica também acaba.
- Ainda bem! Vai que eu peço água a minha mãe, fazendo voz de bruxa?
- Até que ia ser engraçado!



TÁ DE BRINCADEIRA!

Você sabe o que é um escultor?

Escultor é um artista que cria imagens de argila, pedra, madeira, aço, dentre outras matérias-primas. Estátuas são esculturas.

Agora, vamos brincar de escultor e de escultura, mas o que vamos esculpir? Nossos colegas!

Calma aí, que eu vou explicar!

Em duplas, vamos definir quem vai ser o escultor e quem vai ser a escultura. Depois, vamos moldar nossos colegas, buscando criar imagens criativas, engraçadas e diferentes. Sempre tomando muito cuidado ao manusear o corpo do nosso colega para não machucá-lo!

Podemos explorar suas articulações, seus braços, pernas, mãos, pés e até os dedinhos. Ao terminar, a escultura deverá experimentar como é caminhar com esse corpo, tão diferente do seu: como é caminhar assim? Que voz sai? Dá pra se equilibrar? Explore! Os escultores podem contemplar sua criação formando uma plateia.

Ao fim, as duplas se reúnem e invertem-se os papéis, quem era escultor vira escultura e vice-versa.

Divertido, não? Vamos lá?

FALA SÉRIO!

Você já ouviu falar de gestão da água?

Parece complicado, mas não é.

A gestão da água nas cidades é a atividade de planejar, desenvolver, distribuir e administrar de maneira consciente a utilização da água. Há vários problemas nas grandes cidades que se relacionam com a má gestão da água, por exemplo, a poluição, as enchentes e a ausência de saneamento básico.

Outro problema é a canalização dos rios nas cidades. Mas, o que é canalização?

A canalização é um método que busca adequar os cursos d'água ao crescimento dos municípios, assim sobra mais espaço para aumentar as vias de transporte, além de eliminar o problema do esgoto, das enchentes e do excesso de lixo.

Parece tudo muito bom, né? Mas, será que a canalização é a melhor maneira de resolver esses problemas?

Nem sempre. Esse tipo de canalização ignora as características naturais dos cursos d'água e o fato deles serem de extrema importância para a regulação climática, à biodiversidade e à vida. Na verdade, a canalização é como uma máscara para os problemas urbanos, que esconde o verdadeiro problema: o esgoto é que deveria ser canalizado e não os rios.



GLUBSSÁRIO

Amanda Quintero Las Casas

GLUBSSÁRIO?

- Glubssário não é uma peça, como os outros textos deste livro. Glubssário é um glossário que faz glub glub.
- O que é um glossário?
- Glossário é um nome que os adultos deram pra explicar o que são as coisas, só que este aqui é diferente, porque faz glub glub.
- Ué... Faz glub glub?
- Ah, você sabe. Glub glub... A língua dos peixes e dos bichos do mar. Muita coisa que está aqui foi traduzida diretamente do glubês, a língua deles. Logo, nada mais justo do que creditá-los no título.





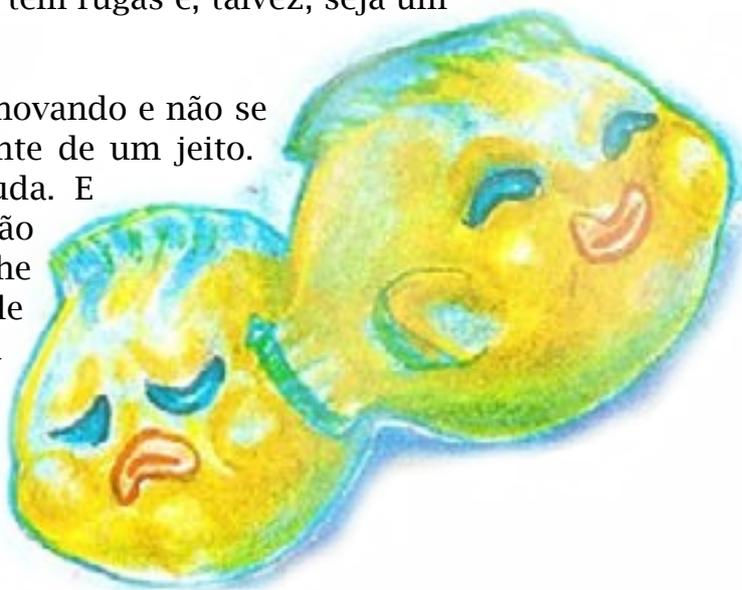
ÁGUA

A água, assim como a Terra, também é muito velha.

A diferença é que ela não tem rugas e, talvez, seja um pouco mais jovem.

A água está sempre se renovando e não se conforma em ficar somente de um jeito. Por isso, ela sempre muda. E quando nós, humanos, não atrapalhamos, ela escolhe como quer ser, seja grande como o Mar ou pequena como o orvalho.

A água é uma inspiração que devemos seguir, para sermos o que realmente quisermos ser.



ARCO-ÍRIS

O arco-íris é a mágica do Sol.

Como assim mágica? Vocês devem estar se perguntando. Pois é isso mesmo.

Quando a Menina Chuva está a caminho, de visitar a Senhora Terra, às vezes algumas de suas gotas, ficam perdidas no ar e o Sol, que já foi um grande guerreiro, aciona seu arco mágico para ajudar as gotas perdidas a encontrarem as gotas que já estão na terra.

Quando o arco do Sol entra em contato com as gotas, elas brilham e fazem com que sejam reveladas todas as cores do arco, formando assim o arco-íris, a magia salvadora das gotas perdidas!

BREU

O Senhor Breu é um senhor muito elegante e distinto. É o guardião dos tesouros do fundo do mar.

Na verdade, ele mora no fundo do mar. De dia, recolhe-se em sua morada, para à noite levantar-se e ir até o céu azul, acobertando-o de escuro.

Mas o Senhor Breu nunca deixa de lado sua missão principal, a de proteger os tesouros do fundo do mar dos humanos que já abusam tanto do pobre coitado.



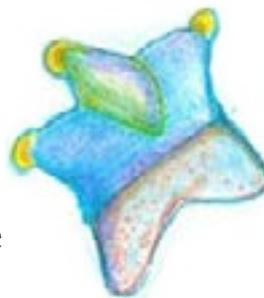
CACHOEIRA

Nós descemos de escorregador e brincamos de escorregar. E a água, quando desce dos rios, pelas rochas, brinca de cachoeirar. A cachoeira é isso, uma brincadeira das águas que descem pelas rochas.

CANALIZAÇÃO

Mais um nome complicado que os adultos inventaram.

Mas, bem, canalizar, isto é, “canalização”, é o que fazem com o rio para que ele possa conviver em paz com a cidade e com as pessoas que vivem ali.



É como quando os adultos tiram coisas das crianças porque elas estão muito agitadas ou desobedientes, e aí colocam regras para elas seguirem.

Com os rios é quase a mesma coisa, só que em vez de cortar algumas regalias, colocam o rio em canos.

Mas assim como na relação dos adultos com as crianças, é preciso ter cuidado com as coisas que se proíbem ou que se canalizam. Às vezes, muitas proibições só resultam em mais desobediência. Muitas vezes, os canos não conseguem prender os rios nem os rios conseguem se adaptar a tantos canos.

CHUVA

A Menina Chuva é a água que cansou de ficar próxima da terra e que, com a ajuda do Sol, alcançou o céu.

Você já deve tê-la visto céu, parada, só nos observando. Parece um algodão doce! Fica fofinha e gordinha, e a chamam de nuvem.

E como nuvem, a Menina Chuva fica brincando com a gente. Nunca repararam? Olhem para o céu. Às vezes ela imita um sorvete, às vezes um carro e às vezes até uma torrada.

Quando cansa de imitar as coisas e as pessoas que ela vê lá do alto, é hora de descer.

Às vezes, antes mesmo de se cansar e de descer lá de cima, seus irmãos mais novos, Ventania e Trovoada, percebem que ela acordou e vêm logo lhe importunar, fazendo com que ela desça mesmo sem querer.

CHUVA ÁCIDA

Bem, é quando a chuva fica de muito mal humor. Ela desce, só que fica tão irritada que suas gotas ficam ácidas queimam de leve tudo em que se encostam. Sobra até para a Senhora Terra!

Isso acontece porque, em seu caminho, a chuva sofre de poluição, pois os humanos costumam sujar tudo, até o ar que respiram, e também jogam lixo nos rios e mares, porque acham que dessa forma vão se livrar mais fácil de toda a sujeira.

Imagina se alguém jogasse cocô ou resto de comida na gente? Com certeza, ficaríamos muito ácidos.



CORRENTEZA

A correnteza é a responsável por guiar os rios, mares e oceanos.

Sempre muito ágil, e com um pensamento muito rápido, ela é como aquele seu amigo ou amiga que mal terminou um assunto e já sai falando outro. Aquele que o professor sempre pede pra ficar quieto na sala e que, quando ouve dizer “Não quero ouvir mais um piu, hein?” não se aguenta e manda um “Piu!”.

A correnteza passa levando consigo tudo o que está presente na água. Na verdade, ela pode levar ou trazer as coisas, dependendo da direção para a qual corre.

Há quem diga também que ela é a responsável pela criação dos mini-mares. Isso mesmo.

Nas partes mais rasas dos rios e córregos, aquelas onde podemos colocar o pé sem que ele mergulhe totalmente, a correnteza cria ondas pequenas como as ondas do mar, e nela moram pequenos peixes e caranguejinhos. Dizem que os mini-mares são que nem uma bola de cristal, onde podemos prever tudo o que acontece no Mar Crescido.

Mas isso parece lenda, né?

Ou será que não?

GELO

Ártico e Antártida são os extremos Norte e Sul do planeta. Bem, se você pegar o mapa mundi (aquela foto do planeta Terra achatado), o Norte fica em cima e o Sul em baixo.

Enfim, são os pedaços mais gelados da Terra. Gelados mesmo, porque lá o gelo não é como é aqui. Aqui o gelo é coisa que a gente encontra na geladeira, em cubos, já naquelas regiões, o gelo é rei. Ele toma conta de tudo e serve de

casa para pinguins, no polo Sul, e para os Leões Marinhos e Ursos Polares, no polo norte. O gelo se levanta do chão e se impõe, como um prédio grande, só que de gelo, e cobre tudo à sua volta, tornando aquele lugar uma imensidão branca tão brilhante que se mistura com o azul do céu.

GOTA

Gota é a menor forma que a água líquida pode tomar para si. Ela fica assim quando chove, para ficar mais fácil de descer lá do céu, porque imagina só se ela resolve descer feito cachoeira? Ia afogar todo mundo!

Enfim, quando deixa de ser parte da água da chuva, cada gota tem um destino diferente.

Os tipos principais de gota são: agitadas, curiosas, preguiçosas e tranquilas.

As gotas mais agitadas adoram uma aventura e logo procuram pelo vidro de carro, ônibus ou caminhão mais próximo para escorrerem. Já as curiosas procuram as janelas das casas, lojas e lanchonetes e escorrem lá, na tentativa de ouvir ou descobrir algo sobre os humanos, ou até mesmo alguma fofoca. As mais preguiçosas... viram poça. Por último, mas não menos importantes, são as gotas tranquilas, as que preferem escorrer pelas folhas das árvores, enquanto apreciam a natureza.

LUA

Se a noite fosse um teatro, a personagem principal seria a Lua. Claro que ela não se intitula assim, pois é muito modesta e gosta de dividir o espaço que tem com as estrelas, mas a verdade é que ela é quem comanda a noite.

Com a ajuda do Breu, a Lua e as estrelinhas brilham no céu.

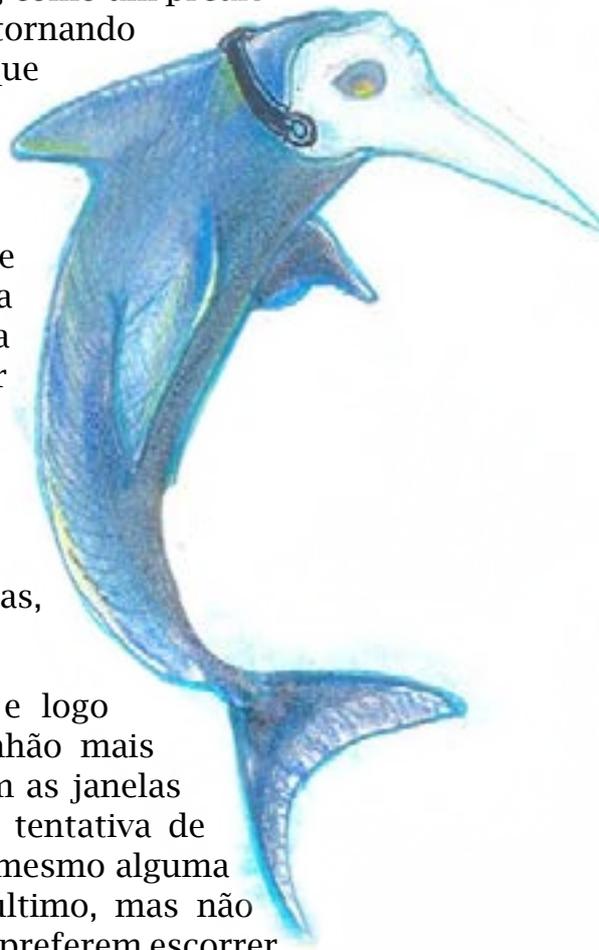
A Lua é lindíssima, e tem vários admiradores, dentre eles, o maior de todos: o mar.

Ah, os ratos também adoram a lua, mas só quando está cheia, porque fica parecendo um queijo gigante.

MAR

O Mar é um amigo muito próximo do Menino Rio.

Tem sua água salgada, porque, ao contrário dos peixes que vivem no Rio, os





peixes que vivem no Mar não gostam de doce. É tem gosto pra tudo, né?

Pois bem, o Mar, assim como o rio, tem muitos irmãos iguais a ele e, quando todos se juntam, formam um oceano.

MARÉ

A Maré começou com o tédio do Mar.

Parado ali em baixo do céu e próximo ao horizonte, o Mar tinha pouca coisa para fazer. Durante o dia, trocava uma palavra ou outra com o Sol e com as Nuvens, observava os peixes, as algas, os humanos que vinham se banhar, os humanos que vinham deitar na areia da praia e, algumas vezes, os humanos que insistiam em poluir. Quando isso acontecia, o mar ficava raivoso, misturado de cinza e de marrom.

À noite, chegavam outros amigos: o Breu, um senhor muito distinto e elegante, as estrelinhas, criancinhas que gostavam muito do carnaval (e que por isso adoravam mostrar por aí seus modelitos bordados de *glitter*), e ela: a Lua.

O Breu, dançava junto com as estrelas e com a Lua. E o mar olhava a Lua dançar.

Às vezes, a Lua ficava envergonhada e se escondia, às vezes aparecia só um pouquinho e às vezes chegava com tudo, linda e redonda, brilhando no céu. E aí ela mexia com o coração do Mar, que batia forte e, quanto mais forte batia, maiores eram suas ondas.

É assim até hoje. O Mar é um eterno apaixonado pela Lua.

Então, o que é Maré? A Maré é como dizer “amar é”: é o coração do Mar, que bate mais forte ao pensar na Lua.

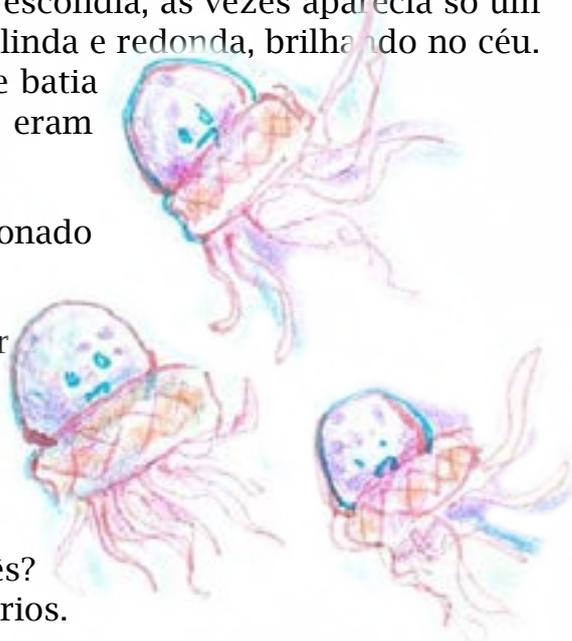
NASCENTE

Sabe, a cegonha? Aquela que traz os bebês? Pois a Nascente é assim, só que ela traz os rios.

É de lá que eles saem, como pequenos córregos.

A nascente é tão linda, que chega a brilhar. É protegida pelo verde das árvores e pelo colorido das flores e a água que saí de lá é tão pura, que é a mais invisível de todas as águas.

Tão invisível que você só enxerga se colocar dentro do copo e balançar.



NEVE

A neve é quando a chuva fica com muito frio e desde congelada, em forma de cristais de gelo.

Em lugares muito quentes, a chuva não consegue sentir tanto frio, apenas o suficiente para transformar algumas gotas em pedrinhas de gelo, o granizo.

ORVALHO

O Tio Orvalho faz o tipo gota tranquila. É um senhor muito calmo e quieto. É como aquele avô que pega sua cadeira e fica na varanda de seu sítio, observando o mundo ao seu redor para, depois, mais tarde, se recolher e, no dia seguinte, voltar a fazer a

mesma coisa.

O orvalho é assim, só que a folha é sua cadeira, e a árvore seu sítio.

PETRICOR

Petricor nasceu porque a Nuvem, a chuva que está lá no céu, fazendo seus jogos de imitação, percebeu algo de diferente que muito lhe chamou a atenção: a Senhora Terra, que estava carrancuda, mal-humorada e que parecia muito solitária.

A Chuva então sentiu-se no dever de fazer algo para que isso mudasse, então logo se desfez da sua forma de nuvem e desceu até a Senhora Terra.

Da primeira vez foi esquisito, porque a Senhora Terra não estava acostumada com esse tipo de invasão e foi logo dizendo: "Vá embora!". Então, chateada e decepcionada, a Chuva pediu ajuda ao Sol e evaporou dali, voltou a ficar em forma de nuvem e seguiu a observar a velha Senhora Terra, que seguia triste e sozinha.

Inconformada, a Chuva decidiu que não iria desistir! Parecia criança e todos nós sabemos criança não desiste. Bem, então a Chuva destemida decidiu que voltaria lá e ficou esperando a hora de saltar das nuvens para abraçar a Senhora Terra.

Mas novamente, a Senhora Terra não deixou nem chegar perto.

A chuva tentou de novo. E mais uma vez. E de novo. E novamente. E mais uma vez de novo e... Ufa! Chegou o dia em que, ao descer, a Chuva percebeu que a Senhora Terra estava diferente.

- Senhora Terra, a senhora está feliz! Peraí... E que cheirinho é esse? Já sei! Esse é o cheiro da sua felicidade!





Contente, a Chuva abraçou ainda mais forte a Senhora Terra e as duas viraram melhores amigas e, juntas, elas trazem para a gente a felicidade em forma de cheirinho de terra molhada quando chove: o Petricor!

POÇA

A poça é uma aguinha coitada, ignorada. Bem, isso porque ela é justamente o conjunto de gotas que a chuva esqueceu de levar consigo quando subiu para o céu de novo.

Daí, ela fica aqui em baixo, na terra, onde todos desviam dela, ou a pisam sem querer, ou ainda a afligem, pulando por cima dela e a deixando assustada. Até que uma hora o Sol lembra dela e a leva embora, para o céu.

RESPINGO

É o espirro da gota!

RIO

Rio é água e é nome de cidade. Veio da nascente e ,quando era criança, era apenas um córrego.

O rio é neto da floresta e sempre ajudou os humanos. Hoje em dia, os humanos, com todas as suas tecnologias e descasos, esqueceram que o rio é um menino que gosta de brincar e começaram a canalizá-lo, isto é, a diminuir seu espaço e a despejar todo seu lixo nele, e também a fazer mais ou menos o que fizeram com a senhora Terra: cobri-lo com cimento, impedindo-o de escoar, isto é, de sair por aí pra brincar sem machucar ninguém.

SOL

Se a Lua é a personagem principal da noite, o Sol é o do dia. Ele já foi um grande guerreiro e, por isso, está sempre em chamas, pronto para enfrentar combates e para defender a Terra.

TEMPESTADE

Ventania, um garoto muito levado, e sua irmã gêmea, Trovoadas, mais levada ainda, são dois bagunceiros de primeira. Por onde passam fazem confusão.

Às vezes, resolvem importunar a irmã, não tão mais velha, a Chuva e, quando ela fica irritada, tudo vira uma tremenda Tempestade.



TERRA

A Terra é uma das habitantes mais velhas do planeta.

Tão velha, que é como se ela fosse bem mais velha que a avó da avó da sua avó da sua avó!

Hoje em dia, só raramente conseguimos enxergá-la, já que vivemos nas cidades, onde ela fica escondida sob o cimento.

Como nossos parentes ou amigos, ela é alguém que nos dá apoio para viver. É dela que tiramos alimentos como frutas ou verduras e é ela também quem nos dá o chão.

Por isso mesmo, nada mais justo do que o nome do planeta em que vivemos ser o mesmo nome dela: Terra.

POROROCA

Pororoca não é o mesmo que muriçoca nem um tipo de gororoba.

Bem, quando você encontra com aquela amigona ou amigão seu, vocês não se divertem? Não passam horas e horas brincando? Aí aposto que vem um adulto e diz algo do tipo: “Nossa mas que pororoca que tá isso aqui!” Tá bem... se ele não diz “pororoca” ele diz alguma outra palavra esquisita, dessas que os adultos gostam de usar e que a gente não sabe de onde veio.

Pois bem, quando o Menino Rio encontra seu amigo Mar, a confusão que eles aprontam é chamada de Pororoca!

Eles ficam tão unidos entre si que parecem um só!

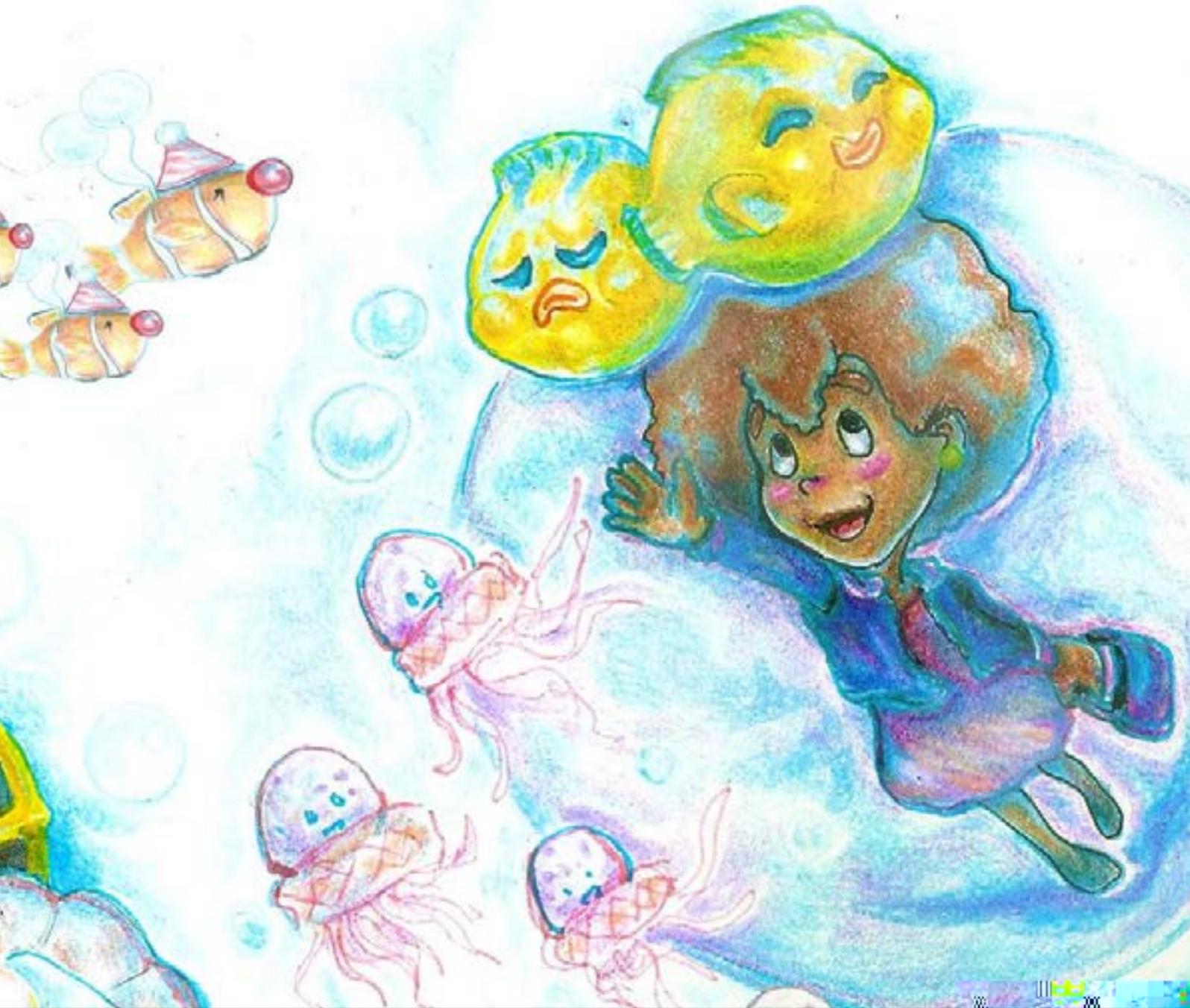




Desde o ano de 1983, a Casa do Teatro, uma das instituições que fazem parte do Célia Helena Centro de Artes e Educação, dedica-se, de modo pioneiro no Brasil, ao trabalho de desenvolvimento e de formação de crianças e jovens através das práticas artísticas, tendo como eixo principal de atuação o teatro. O trabalho da Casa do Teatro sempre esteve relacionado à busca do autoconhecimento e da percepção do mundo e à promoção de valores para a vida em sociedade.

Agora, quando a Escola Superior de Artes Célia Helena - ESCH, outra instituição associada ao Célia Helena Centro de Artes e Educação, conclui em trabalho conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e com a Agência Nacional da Água - ANA o projeto "Até debaixo d'água: o uso consciente da água e a prática do teatro nas escolas", é como se reencontrássemos, em nosso trabalho de ensino superior para formação de atores profissionais, nossa já antiga vocação para o trabalho com crianças, numa prova de que as artes em geral, e o teatro em particular, são mesmo campos abertos para o encontro de gerações, para a experimentação de saberes e para a discussão de temas urgentes.

Um dos pilares de nossa missão pedagógica é a busca de excelência, tanto acadêmica quanto artística, e entendemos que essa meta não se alcança sem a formação de parcerias sólidas e plurais, de modo que registramos aqui nossos agradecimentos aos Colégio Ítaca, EE Prof. João Cruz Costa e EMEF Prof. Maria Antonieta D'Alckmin Bastos, que nos ajudaram a desenvolver este projeto misto de ensino, pesquisa e extensão; misto, também, de trabalho, de sonho e de fé na importância do ensino de teatro para a promoção de uma sociedade melhor.



Realização



Apoio



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

